

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

O Filme ideal na palavra do Santo Padre <i>Discurso aos representantes do mundo cinematográfico, em 28-10-55...</i>	257
Segundo Congresso dos Religiosos	266
História da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs <i>Irmão Marcelo Silvano</i>	269
O que sugere um inquérito <i>Altair Malan d'Angrogne</i>	280
Homenagem ao Santo Padre <i>Pe. Irineu Leopoldino de Souza S.D.B.</i>	286
Ao Santo Padre o Papa Pio XII <i>Frei Gil Maria Wanderley O. F. M.</i>	290
Concluindo o Curso de Estatística <i>Prof. Antonio Garcia de Miranda Netto</i>	302
Departamento de Estatística	305
Do Serviço de Procuradoria da C. R. B. <i>Relação dos Deputados com seus respectivos enderêços</i>	308
Nossa Correspondência	314
Novas Fundações	315
Crónica dos Religiosos	316
Bibliografia	318
Santos Fundadores celebrados em maio	319

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil
Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil
Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

O FILME IDEAL NA PALAVRA DO SANTO PADRE

Discurso aos representantes do mundo cinematográfico, aos 28 de outubro de 1955. (1)

O filme ideal, eficaz instrumento de elevação, de educação e melhoramento.

Dando, pela segunda vez, com paternal efusão, Nossas boas vindas a Vós, Senhores, votados à atividade cinematográfica, desejamos não só confirmar nossa estima por vossas pessoas e vossa profissão, mas também a vigilante solicitude da Igreja para um tão poderoso meio de difusão do pensamento e dos costumes, que é o cinema, no intuito de contribuir para elevá-lo à dignidade de instrumento da glória de Deus e do aperfeiçoamento humano.

Voltando, portanto, a esta matéria, neste novo encontro com os representantes do "*mundo cinematográfico*", propomo-Nos integrar as considerações já expostas, movidos pela persuasão de sua importância, cujos motivos já amplamente mostramos. Face aos graves problemas que angustiam a época atual, êste do cinema poderia aparecer a alguns como argumento secundário, tal que não mereça a particular solicitude que lhe dedicamos. De certo o cinema, sendo por sua natureza arte e diversão, parece que deveria ficar à margem, quase, da vida humana, governado, excusado é dizer, pelas leis comuns que regulam as ordinárias atividades humanas; mas, já que, de fato, tornou-se para a geração atual um problema espiritual e moral de grandíssimo alcance, não pode ser descurado por aquêles que de coração se interessam pela sorte da parte melhor do homem e de seu porvir. Sobretudo, pois, não pode ser negligenciado pela Igreja e por seus Pastores, a cuja vigilância não pode ser subtraída questão moral alguma, especialmente se tiver repercussão de consequências incalculáveis sôbre inúmeras almas; e também por todos os honestos e aquêles que cuidam do bem comum, os quais estão convencidos, com

(1) A.A.S., XXXXVII, pág. 816.

razão, que todo problema humano, grande ou pequeno, lança as raízes no espírito mais ou menos obscurecido, e que no espírito, uma vez esclarecido, tem que ser resolvido devidamente.

Talvez redunde em vergonha para nossa idade o fato de que muitos, máxime se debilmente formados no espírito, se deixam induzir a dar uma determinada direção à sua vida privada e pública, pelas ficções artísticas, e pelas sombras vãs de uma tela; todavia êste fato não deixa de ser importante e digno de consideração, com uma seriedade proporcionada aos efeitos. Num amanhã de decadência espiritual e civil, do qual seria corresponsável a liberdade não disciplinada dos filmes, quão grande repreensão não viria à sabedoria dos homens de hoje, como àquêles que não souberam dirigir um instrumento tão apto a educar e elevar os ânimos, e ao contrário deixaram que se transformasse num meio de difusão do mal!

Esta confiança que Nós nutrimos para com o cinema, como instrumento eficaz e positivo de elevação, de educação e de melhoramento, Nos move a exortar os artistas e os produtores, para que envidem todo esforço em livrá-lo, não só da decadência artística, mas sobretudo da cumplicidade na depravação, como ainda a apresentar-lhes as límpidas regiões do filme ideal.

Dêste já expusemos os caracteres próprios, mas somente no primeiro dos três aspectos que êle oferece ao exame, isto é, em relação ao sujeito, quer dizer ao homem a quem o filme ideal é apresentado.

Agora passamos a explicar o segundo ponto, isto é:

O filme ideal considerado em relação ao objeto, isto é, ao conteúdo.

Para que, tratando do filme ideal quanto ao conteúdo, não se descambe em exigências impróprias, mas, ao contrário, possam ser colhidos os elementos essenciais, é necessário ter presente a consideração já exposta sobre o centro absoluto contido na relatividade do ideal, isto é, a essência própria do filme, sua bondade específica, seu próprio valor. Torna-se, pois, oportuno relembrar o conceito do ideal: aquilo a que nada falta do que deve ter e que, antes, tem-no em grau perfeito. Já que o filme diz respeito ao homem, será ideal, quanto ao conteúdo, aquêle que se amolda, em forma perfeita e harmônica, às primordiais e essenciais exigências do próprio homem. São elas, fundamentalmente, três: a verdade, a bondade e a beleza, quase refrações através do prisma

do conhecimento, do ilimitado reino do ser que se estende fora do homem no qual elas atuam com uma participação cada vez mais vasta ao mesmo ser. É verdade que, nos casos singulares, aquêle que se esforça, por meio da arte e da cultura, para introduzir o homem naquele reino, percebe no fim que muito pouco satisfaz sua sêde insaciável; porém tem o mérito, de ter conseguido desviar, para própria vantagem, uma pequena parte da plenitude original do que é verdadeiro, bom e belo, na medida do possível e imune da contaminações; conciliou, em outras palavras, a relatividade do ideal com seu conceito absoluto. Pois bem, pode o filme ser um transmissor apto desta tríade no ânimo do espectador? pode ser meio excelente, e, nos limites de seus próprios métodos, perfeito? A resposta deve ser afirmativa, mesmo que nem sempre se verifique, ainda no caso de um filme digno de ser classificado entre os bons, mas que, por falta de um elemento qualquer, ou da harmonia, fique fora das regiões ideais.

É claro que o conteúdo, isto é, a escolha do argumento tal que possa refletir, o mais fielmente possível, a realidade boa e bela, é de fundamental importância na criação do filme ideal; mas é igualmente admitido pelos especialistas que nem toda escolha é possível, já que não raras vezes se interpõem obstáculos de natureza toda prática, que detêm os artistas no limiar do ideal, como, por exemplo, a intrínseca impossibilidade de representar visivelmente algumas verdades, bondades e belezas. O filme não pode presumir, nem deve arriscar-se a tratar argumentos que fogem ao domínio da objetiva, que não podem ser traduzidos em imagens, rebeldes como são a toda interpretação cênica, por motivos sejam técnicos sejam artísticos, ou por outras considerações, como razões de ordem social e natural, de respeito e de piedade, ou mesmo de prudência e de segurança para as vidas humanas. Não obstante, porém, estas limitações, umas intrínsecas e outras práticas, o campo dos argumentos permanece amplo e rico, proveitoso e atraente, qualquer que seja o elemento daquela tríade que predomine no filme em si.

Filmes de ensino

Discutindo-os em particular, mencionaremos em primeiro lugar o filme que se propõe o ensino, cuja principal atração é constituída pela verdade, enquanto aumenta os conhecimentos do espectador. Há, sem dúvida, neste gênero, um ideal possível de ser conseguido e cujas normas assim podem ser resumidas: o que êle oferece em conhecimentos, em

ilustrações, em investigação, deve ser exato, claramente inteligível, conduzido com perfeito método didático e com normas artísticas elevadas.

Filmes de puro ensino são relativamente raros; as mais das vezes, talvez em atenção à diferente preparação do público, em vez de aprofundar o argumento, tocam-no de leve, limitando-se a dar as idéias substanciais.

Contudo, se tomarem em conta a sede de cultura que o público demonstra, e de cuja falta muitas vezes se queixa, esta espécie de filme se realizado com perfeição ideal, seria por tôda parte bem recebido enquanto, devidamente desenvolvido e ampliado, redundaria em proveito do progresso civil.

A confirmação é dada pela não rara produção e pelo êxito feliz de filmes baseados nas ciências naturais, alguns dos quais merecem o título de filmes ideais.

A natureza, de fato, tal qual se oferece ao olhar do observador atento, revela riquezas inexauríveis do bom e do belo, que refletem, com diáfana sinceridade, a infinita superabundância da perfeição e da beleza de seu Criador.

O filme pode colher a mãos cheias, em seu tríplice reino e percorrer, mediante os meios técnicos de que dispõe, as harmoniosas vias da criação, abertas pelas ciências físicas e biológicas, seja na imensidão do céus, seja nos íntimos recessos do microcosmo.

Não podemos assistir, sem frêmitos de admiração, a filmes que nos arrebatam para mundos desconhecidos e talvez insuspeitos, que nenhum outro meio, a não ser o cinema, poderia apresentar tão ao vivo. Às vezes encanta e subjuga a majestade de colossos montanhosos, outras o irresistível furor das tempestades do oceano, a solidão dos gelos polares, a imensidão das florestas virgens, a tristeza das areias do deserto, a formosura das flores, a transparência das águas, a violência das cachoeiras, a elegância das auroras boreais; visões estas que, reproduzidas com fidelidade e ilustradas por sóbrios comentários de palavras e de música, imprimem-se na alma como imagens de uma viagem. Maior admiração e riqueza de conhecimentos oferece o desenvolvimento da vida nos filmes — êstes também muito frequentes — que desvendam o segredo do reino animal, e são obtidos por espertos autores e produtores, depois de dias cansativos e meses de emboscadas e observações, passados em condições difíceis nas florestas e desertos inhóspitos, sôbre os rios e nas profun-

dezas dos mares. Quão grande testemunho da riqueza e da multiplicidade da natureza se alcança em tais filmes, não menos que em outros aptos a descansar, divertir e revigorar o espírito.

Com igual deleite e instrução, outros filmes podem perscrutar o próprio homem, no qual a estrutura orgânica, o comportamento funcional, os processos terapêuticos e cirúrgicos para reconduzÍ-lo à saúde, apresentam objetos de grande interêsse.

Se depois passarmos às obras do homem, não faltam os argumentos aptos a serem elaborados artisticamente e a difundirem em larga escala a cultura. Chamam-se justamente filmes de cultura aquêles que descrevem as diversas raças, os costumes, o folklore, a civilização e, mais em particular, os métodos de trabalho, os sistemas agrícolas, as vias de tráfego por terra, mar e céu, os meios de comunicação, os tipos de habitação e moradias nas várias idades, colhidos pela objetiva nas múltiplas fases de seu desenvolvimento, que tomam início da primeira cabana de folhagem, para chegar às nobres moradias, aos monumentos arquitetônicos, aos ousados arranha-céus das cidades modernas.

Êstes acenos são suficientes para demonstrar que o filme instrutivo, contanto que tratado com justa medida de dados científicos, apresentado sob novas luzes, e avivado por um sincero sôpro de arte, suficiente para afastar a idéia de um ensino rigorosamente escolar, pode, no que se refere ao conteúdo, oferecer com facilidade ao espectador, tudo o que êle espera, neste gênero, de um filme ideal.

Filmes de ação

Muito difícil, ao contrário, se apresenta o empreendimento no filme de ação, isto é, aquêle que quer representar e interpretar a vida e a conduta dos homens, suas paixões, aspirações e lutas.

Nesta espécie de argumentos o filme ideal não é coisa de todos os dias. Contudo tais filmes são, quanto ao número, comuns demais. Enquanto isso demonstra que tal gênero é muito mais requerido e apreciado pelo público, mostra ao mesmo tempo as sérias dificuldades que sua realização oferece ao filme ideal.

Expusemos já, falando sôbre a importância da cinematografia e estudando o assunto do lado do espectador, em que consiste a atração do filme de ação, quais influências êle exerce no ânimo e a quais reações patológicas êle dá lugar. As mesmas reflexões voltam agora ao exame,

consideradas porém em suas causas, a primeira das quais é, de certo, o conteúdo, isto é, o assunto escolhido para se tratar.

É pois, na escolha do conteúdo que começam as dificuldades para o autor e produtor conscienciosos, os quais se propõem o filme ideal; outras se sucedem, mais tarde, pela configuração e delimitação, especialmente nos momentos de mais relêvo, da mesma matéria; outras ainda, e nem sempre fáceis de superar, pela disponibilidade de atores, que sejam idôneos a dar expressão humana e esteticamente perfeita ao objeto escolhido.

Pode, então, toda matéria representável ser escolhida por quem se propõe o filme ideal? Foram já indicados alguns motivos de exclusão, fundados sobre razões morais, sociais, humanas, que necessariamente restringem a indiscriminada liberdade de escolha.

Dois particulares quesitos, porém, merecem ser considerados, com maior cuidado.

Filme de argumento religioso

O primeiro é: será permitido, nos filmes de ação, tomar como matéria argumentos religiosos?

A resposta é que não vemos motivo porque tais argumentos devessem, geralmente e por princípio, ser excluídos ainda mais que a experiência, tentada neste gênero, já deu algum resultado bom nos filmes de conteúdo estritamente religioso.

Também quando o assunto não é expressamente tal, o filme ideal de ação não deveria ignorar o elemento religioso. De fato, foi observado que mesmo filmes moralmente irrepreensíveis, podem todavia tornar-se espiritualmente prejudiciais, se oferecerem ao espectador um mundo no qual não se faz alusão alguma a Deus, e aos homens que creem n'Ele e O veneram, um mundo no qual as pessoas vivem e morrem como se Deus não existisse. Num filme pode alguma vez ser suficiente um breve instante, uma palavra sobre Deus, um pensamento a Ele dirigido, uma invocação de confiança n'Ele, um desejo de auxílio divino. A grande maioria do povo acredita em Deus, e, em sua vida, o sentimento religioso tem uma parte notável. Nada então de mais natural e mais oportuno que isso se tenha em conta no filme.

Por outro lado é necessário reconhecer que nem todo fato ou fenômeno religioso é transferível para a tela, quer pela intrínseca impossibilidade de ser representado, quer pela piedade e respeito que a isso se

opõem. Além disso o argumento religioso apresenta muitas vezes, para autores e atores, dificuldades específicas, entre as quais a principal, talvez, está no como evitar todo vestígio de artificial e afetado, toda impressão de coisa maquinalmente aprendida, já que a verdadeira religiosidade é, por si, contrária à ostentação exterior, e facilmente não comporta "ser recitada".

A interpretação religiosa, mesmo quando conduzida com boa intenção, raras vezes traz a impressão de coisa realmente vivida, e portanto comunicável ao espectador.

Outra questão, à qual é difícil dar uma resposta definida, é: se seja argumento idôneo e conveniente para um filme de ação, a descrição comparada de diversas confissões religiosas. Exemplos destes filmes não faltam, realizados com o fim de representar as diferentes formas de religiosidade, quer colhidos em atos reais, quer em cenas para êsse fim recitadas.

Em todo caso, quer se trate de filmes para fim instrutivo, quer se queira oferecer ao espectador a dramaticidade dos contrastes entre duas vidas, dirigidas religiosamente de modo diferente, exige-se muito grande delicadeza e profundidade de sentimento religioso, e de compreensão humana para não ofender e profanar o que aos homens (ainda que movidos por pensamentos e convicções objetivamente errados) é sagrado.

As mesmas cautelas e necessárias limitações impõem-se para os filmes históricos que tratam de homens e de acontecimentos que ficaram no centro de contrastes religiosos ainda não de todo apagados; aí o primeiro requisito é a verdade: esta, porém, deve ser conciliada com a caridade, para que uma não redunde em prejuízo da outra.

O filme na representação do mal

O segundo quesito acêrca do conteúdo do filme ideal de ação, diz respeito à representação do mal: é permitido escolher, e com quais cuidados deve se tratar o mal e o escândalo que, sem dúvida, têm parte tão importante na vida do homem? Certamente esta não poderia ser compreendida se, ao menos nos grandes e graves conflitos, se fechassem os olhos às culpas que muitas vezes são a causa deles. A sabedoria, a excessiva ambição, a avidez do poder, a cobiça das riquezas, a infidelidade, as injustiças, a ligertinagem, são infelizmente os traços de fisio-

nomia e das ações de muitos; a história tristemente está entrelaçada disso. Uma coisa, porém, é conhecer os males, pedindo à filosofia e à religião a explicação e os remédios; outra é torná-los objeto de espetáculo e de diversão. Atualmente, porém, dar forma artística ao mal, descrever sua eficácia e seu desenvolvimento, seus caminhos abertos e ocultos, com os conflitos que êle gera ou através dos quais êle progride, tem para muitos uma fascinação quasi irresistível. Dir-se-ia, quanto à narração e representação, que muitos não sabem haurir alhures a inspiração artística e o interêsse dramático, ainda que sòmente como fundo para o bem, como sombra pela qual ressalte mais nítida a luz. A esta atitude psíquica de muitos artistas, corresponde outra análoga no espectador, da qual já falamos. Pois bem, pode um filme ideal tomar como conteúdo tal objeto? Os maiores poetas e escritores de todos os tempos e de todos os povos ocuparam-se desta difícil e dura matéria, e o farão também no futuro.

Uma resposta negativa a esta pergunta é natural, quando a perversidade e o mal são apresentados em razão de si mesmos; se o mal apresentado aparece, ao menos de fato, aprovado; se fôr descrito em formas excitantes, insidiosas, pervertedoras; se fôr mostrado àqueles que não têm capacidade de dominá-lo ou de lhe resistir. Mas quando não há nenhum dêstes motivos de exclusão; quando o conflito com o mal, e também sua vitória temporária, em relação ao conjunto, serve ao mais profundo conhecimento da vida, de sua direção reta, do controle do próprio comportamento, do esclarecimento e consolidação no juízo e na ação; então uma tal matéria pode ser escolhida e entrelaçada, como conteúdo parcial, na ação tóda do mesmo filme. Aplica-se a êste o mesmo critério que deve superintender a todo e igual gênero artístico, a novela, o drama, a tragédia e tóda obra de literatura.

Também os Livros Sagrados do Antigo e Novo Testamento, qual fiel espelho da vida real, contêm em suas páginas as narrações do mal, de sua ação e influência na vida de cada um, como na das raças e dos povos.

Também êles deixam penetrar o olhar no mundo íntimo, às vêzes tumultuoso, daqueles homens; relatam seus erros, sua renascença e seu fim. Mesmo sendo rigorosamente histórica, a narração mantém às vêzes o andamento dos dramas mais fortes, as côres fôscas da tragédia. O leitor fica impressionado pela arte singular e pela vivacidade da descri-

ção que, ainda que somente sob o aspecto psicológico, são obras primas incomparáveis. Basta lembrar os nomes: Judas, Caifás, Pilatos, Pedro, Paulo. Ou ainda da época dos Patriarcas: a história de Jacó, os reveses de José no Egito em casa de Putifar; do livro dos Reis: a escolha, a reprovação e o trágico fim do Rei Saul; ou a queda de Daví e seu arrependimento; a revolta e morte de Absalon; e outros acontecimentos sem número.

Aí o mal e a culpa não ficam disfarçados sob véus enganadores, mas são contados como aconteceram na realidade; contudo, também essa parte do mundo contaminado pela culpa fica cercada por um sôpro de honestidade e pureza, espalhado por quem, ainda que fiel à história, não exalta nem justifica, mas claramente insinua a condenação da perversidade; desta maneira a verdade nua não provoca impulsos e paixões desregradas, ao menos em pessoas maduras.

Pelo contrário. O leitor sério torna-se mais reflexivo, mais clarividente; seu ânimo, dobrando-se sobre si mesmo, é induzido a dizer: "toma cuidado para que tu também não sejas induzido à tentação" (Gal. 6,1); "Se estás em pé, cuida de não cair" (1 Cor. 10,12).

Estas conclusões não vêm lembradas somente pela Sagrada Escritura, mas são também o patrimônio de antiga sabedoria e fruto de experiência amarga.

Deixemos pois que também o filme ideal possa representar o mal, a culpa e a queda; mas, que o faça com intuitos sérios e com formas convenientes, de modo que sua visão auxilie a aprofundar o conhecimento da vida e dos homens, e a tornar melhor e erguer o espírito.

Evite portanto o filme ideal toda forma de apologia, e, mais ainda, de apoteose do mal, e demonstre sua reprovação em todo o desenvolvimento de representação e não somente no fim, que chegaria às vezes muito tarde, isto é, depois que o espectador foi já atraído e perturbado por incitamentos maus.

Estas são as considerações que pretendia expressar-vos sobre o filme ideal em relação ao objeto, quer dizer ao conteúdo. Falta-nos agora acrescentar algo acerca do filme ideal em relação à comunidade.

(Continua no próximo número)

SEGUNDO CONGRESSO DOS RELIGIOSOS

O número 8 de nossa Revista, no mês de Fevereiro último, convocando o II Congresso dos Religiosos, apresentou o temário geral do mesmo, informando que se realizariam também encontros especializados, de acôrdo com os diversos ministérios a que se dedicam os estados da perfeição.

Hoje apresentamos os temários destas secções especializadas, já enviados, em circular, a tôdas as comunidades religiosas.

No próximo número publicaremos, se Deus quiser, os temários especializados das Religiosas.

MISSÕES POPULARES

1. As missões populares católicas. Necessidade. Oportunidade no Brasil, nos grandes centros e no interior. Aspectos preliminares secundários. Técnica a serviço do apostolado. Equipamentos necessários e modernos. Material didático. Transporte. Finanças.
2. Preparação da missão por parte do missionário. Formação geral é especializada. Treinamento. Dotes naturais. Disciplinas teológicas e disciplinas auxiliares. Conhecimento dos problemas e do ambiente modernos. Atualização criteriosa.
3. Preparação do campo de missão. Entendimentos com as autoridades. As comissões especializadas. A atuação indispensável do vigário. A preparação da família. Imprensa, rádio e televisão. A renovação ou prolongamento da missão. Tempo oportuno.

tuno. Conveniência da volta periódica do missionário. A visita domiciliar.

4. Colaboração dos demais religiosos e religiosas na obra missionária. Participação dos colégios, hospitais e obras sociais. Preparação das obras leigas. A cooperação específica das religiosas auxiliares paroquiais ou visitadoras domiciliares. Colaboração dos sacerdotes no ministério. As associações paroquiais.
5. Programação das missões. Entendimentos com os vigários e as dioceses. Missões nos grandes centros, com a participação de religiosos de diferentes congregações: organização, chefia, estudos preliminares. Entendimentos entre o Departamento de Missões Populares da C.R.B. e a C.N.B.B.
6. Métodos e recursos de apostolado nas missões. Pregação atualizada criteriosamente. A pregação do missionário estrangeiro. Catequese. Conferências especializadas. Procissões. Sacramentos. Métodos próprios da família religiosa e indústrias comuns de apostolado.

MISSÕES INDÍGENAS

1. Visão geral das missões no Brasil. Âmbito geográfico. População. Usos e costumes. O que já se fez e o que resta fazer. Análise dos métodos até agora utilizados e dos resultados alcançados.
2. Preparação do religioso para o apostolado das missões. Cursos regulares, rotina, auto-didatismo, empirismo. Necessidade de uma preparação especializada. Como conseguí-la.
3. Contribuição dos conhecimentos da sociologia e etnografia para o desenvolvimento religioso da missão. Experiências passadas e atuais. A colaboração do missionário para o desenvolvimento da etnografia brasileira.
4. A integração do indígena na civilização cristã. Elementos aproveitáveis. Confusão prejudicial entre evangelho e determinados usos e costumes da mãe-pátria do missionário.
5. Colaboração entre as várias missões. Necessidade. Dificuldades a vencer. Organização comum no Rio de Janeiro, formada pelos procuradores de missões. Reuniões, informações, auxílio mútuo. Serviços comuns.

HISTÓRIA DA CONGREGAÇÃO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS

Irmão Marcelo Slivano F.S.C.

O FUNDADOR. São João Batista de La Salle, declarado por Pio XII padroeiro especial, junto de Deus, de todos os professôres que se consagram à educação da infância e da juventude.

O HOMEM PROVIDENCIAL

Em 1649, fundou o piedoso sacerdote e pedagogo francês Adrien Bourdoise, uma associação de orações, para implorar do Céu mestres verdadeiramente cristãos. Dois anos mais tarde, dava Deus à terra o fundador das Escolas Cristãs.

Nasceu São João Batista de La Salle em Reims, na França, no dia 30 de abril de 1651. Era o primogênito de pais não menos recomendáveis pela virtude que pela condição social.

Deus o preparou à sua missão por graças de escol, tanto assim que João Batista, com apenas 11 anos de idade, consagrou-se pela clericatura ao serviço dos altares .

Em 1667 foi solenemente empossado no honroso cargo de cônego do Cabido Metropolitano de Reims, fazendo em breve a admiração dos colegas pelo fervor e pontualidade.

Em 1668 recebeu as Ordens Menores.

Aos 18 anos, após curso brilhantíssimo, era bacharel pela Universidade de Reims. Dizendo adeus ao futuro sorridente que o esperava na magistratura, iniciou os estudos preparatórios ao sacerdócio.

Um ano depois, vendo o pai a constância e seriedade de seu filho nos estudos, mandou-o para o Seminário de São Sulpício, em Paris. Ali encontrou o jovem levita um ambiente com todos os meios de perfeição.

Eis senão quando chega-lhe em julho de 1671 a infausta notícia da morte de sua mãe, seguida, 9 meses após, do trespasse do pai.

HISTÓRIA DA CONGREGAÇÃO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTAS

Irmão Marcelo Slivano F.S.C.

O FUNDADOR. São João Batista de La Salle, declarado por Pio XII padroeiro especial, junto de Deus, de todos os professôres que se consagram à educação da infância e da juventude.

O HOMEM PROVIDENCIAL

Em 1649, fundou o piedoso sacerdote e pedagogo francês Adrien Bourdoise, uma associação de orações, para implorar do Céu mestres verdadeiramente cristãos. Dois anos mais tarde, dava Deus à terra o fundador das Escolas Cristãs.

Nasceu São João Batista de La Salle em Reims, na França, no dia 30 de abril de 1651. Era o primogênito de pais não menos recomendáveis pela virtude que pela condição social.

Deus o preparou à sua missão por graças de escol, tanto assim que João Batista, com apenas 11 anos de idade, consagrou-se pela clericatura ao serviço dos altares .

Em 1667 foi solenemente empossado no honroso cargo de cônego do Cabido Metropolitano de Reims, fazendo em breve a admiração dos colegas pelo fervor e pontualidade.

Em 1668 recebeu as Ordens Menores.

Aos 18 anos, após curso brilhantíssimo, era bacharel pela Universidade de Reims. Dizendo adeus ao futuro sorridente que o esperava na magistratura, iniciou os estudos preparatórios ao sacerdócio.

Um ano depois, vendo o pai a constância e seriedade de seu filho nos estudos, mandou-o para o Seminário de São Sulpício, em Paris. Ali encontrou o jovem levita um ambiente com todos os meios de perfeição.

Eis senão quando chega-lhe em julho de 1671 a infausta notícia da morte de sua mãe, seguida, 9 meses após, do trespasse do pai.

Purificado o seu coração no cadinho das provações, e amadurecido o seu caráter no precoce govêrno dos negócios de família, aos quais dedicou todos os seus cuidados, sem abandonar seus estudos universitários em Reims, rematou sua formação intelectual, passando brilhantemente os exames de doutorado em teologia, no ano de 1681.

Depois de ordenado sacerdote em 1678, já estava pronto para o cumprimento dos desígnios de Deus.

Recolheu logo, como preciosa herança, a Congregação do Santíssimo Menino Jesus, fundada por seu diretor espiritual, o Sr. Nicolas Roland, para a instrução das meninas da classe operária. Mal consolidara essa obra pouco firme, abriram-se em Reims, no ano de 1679, as primeiras escolas de caridade para os meninos pobres.

A princípio, João Batista foi apenas o conselheiro dos mestres, tornando-se-lhes em breve amigo e pai. Chegou ao ponto de recebê-los à sua mesa, na suntuosa casa de família, onde vivia com seus irmãos. Apesar das críticas do mundo, guardou-os consigo, convivendo com êles. Enfim, para ocupar-se mais livremente da obra das escolas, abandonou a própria casa em 1682, alojando-se com os mestres num prédio espaçoso, porém pobre.

Cedendo ali aos atrativos de uma graça extraordinária, despojou-se de seu rico canonicato, vendeu seu patrimônio todo e deu o preço aos indigentes. Assim é que foi levado a fundar o "Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs".

Em 1684, essa Congregação reuniu-se em assembléia geral, começou a fixar suas Regras, emitiu seus primeiros votos, abriu seu Noviciado e seu Juvenato, recebeu seu nome e seu hábito e viu o desabrochar de tôdas as suas obras.

Quatro anos depois, João Batista transferiu para Paris a sede principal da Congregação, na paróquia de São Sulpício. Ali o Santo residiu quase constantemente, menos nos últimos anos de sua vida; tomou ali o Instituto a sua forma definitiva.

A obra capital do Fundador foi a das escolas de caridade. Abriu estabelecimentos na Champanha e em Paris, e depois em umas 10 cidades da França, em Roma e alhures.

Não era seu plano tão acanhado que não pudesse abranger também outras Obras. Assim é que abriu em Ruão, para os filhos dos comerciantes e industrialistas, o internato de Santo Yon, obedecendo o pro-

grama ao ensino secundário, com exclusão das línguas mortas; criou Seminários de mestres leigos, verdadeiras escolas normais de professores; inaugurou as escolas dominicais que, de acordo com o pároco de São Sulpício, organizou para ocupar útilmente, cada domingo, os lazeres perigosos dos jovens aprendizes.

Instituiu ainda, para a reeducação dos que cedo enveredaram pelo caminho do vício ou do crime, escolas de reforma.

Embora não corasse de êle mesmo dar aula e vestir o humilde hábito dos Irmãos, guardou para si preferivelmente a formação e direção dos mestres, a organização e visita das escolas. Comprazia-se sobretudo no Noviciado, onde iniciava na vida religiosa a alma dos jovens recrutas e renovava no retiro o fervor dos Irmãos empregados, a quem convidava frequentemente.

Compunha ali seus livros espirituais, tão cheios do espírito de Deus, pelos quais levava a seus filhos, até as suas longínquas fundações, o alimento da alma.

Com o mesmo zelo cuidava da formação profissional como da vida religiosa dos Irmãos, consignando no livro intitulado "CONDUITE DES ECOLES", aquêles conselhos tão sábios que atestam de sua parte a experiência de um mestre consumado em pedagogia.

Foi o progresso de sua Obra lento e alvo de mil provações. Teve de agüentar as amargas censuras e os cruéis afastamentos de sua família. O ciúme dos mestres leigos o condenou várias vêzes perante o tribunal; a autoridade eclesiástica o desconheceu e às vêzes o repeliu; porém, nenhuma ferida lhe foi mais sensível ao coração do que a infidelidade de certos Irmãos que o traiçoearam ou ultrajaram. Entretanto, nunca prova alguma o fêz desanimar.

Com a mortificação e a oração, hauria em Deus um poder de resistência inaudita, agindo em tudo por espírito de fé, conforme ensinava a seus Irmãos.

Depois de haver escrito sua Regra e firmado seu Instituto, faleceu no dia 7 de abril de 1719, em Ruão, na casa de Saint-Yon.

Leão XIII o canonizou em 24 de maio de 1900. Pio XII o proclamou Padroeiro especial, junto de Deus, de todos os professores que se consagram à educação da infância e da juventude.

A maior parte de seus ossos conserva-se na capela da Casa Generalícia dos Irmãos das Escolas Cristãs, em Roma.

OS DESTINOS DA OBRA NA FRANÇA ATÉ 1900.

Morto, não descia João Batista de La Salle por completo ao túmulo: seu espírito ia crescer e prolongar-lhe a vida.

Muito modesta e tímida era a obra das Escolas Cristãs quando faleceu seu Fundador. Uma centena de pobres mestres, algumas escolas de caridade, um pensionato, nenhum reconhecimento oficial, nem por parte da Igreja, nem por parte do Estado, ausência quasi completa de notoriedade: tal era a situação social do Instituto. Mas êsse frágil arbusto achava-se plantado em boa terra. Seus ramos estender-se-iam bem longe no espaço, e a glória haveria de iluminar o nome do sacerdote piedoso que lhe dera os primeiros cuidados.

O INSTITUTO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS NO SÉCULO XVIII.

Por todo o século XVIII progrediu o Instituto com segurança. Ao rebentar a revolução de 1789, contava aproximadamente 121 comunidades na França e no estrangeiro, 1000 Irmãos e 36.000 alunos. Em nada se havia afastado da linha traçada pelo Fundador; ficaram sempre seu fim precípua as escolas de caridade e gratuitas, existindo ao lado delas, secundariamente, uns 6 a 10 pensionatos (internatos).

Foram abertos Escolasticados, nos quais os jovens Irmãos, ao saírem do Noviciado, iam desenvolver sua instrução e receber conselhos e diretivas pedagógicas.

À medida que se vinha ilustrando pela experiência, foi retocada a GUIA DAS ESCOLAS, escrita pelo Fundador, aperfeiçoando os métodos e adaptando os conselhos às circunstâncias. No seu comentário sobre AS DOZE VIRTUDES DE UM BOM MESTRE, o Irmão Agatão, Superior Geral do Instituto, apresentou um excelente tratado de educação. Os manuais escolares também se multiplicaram, alargando o programa dos estudos primários. No domínio do ensino primário superior, porém, é que se realizaram os progressos mais notáveis. Novas condições sociais começavam a exigir retoques na educação intelectual da juventude. Os Irmãos corresponderam sem hesitar às tendências que os solicitavam. Em várias cidades foram abertos internatos nos quais foram aplicados os programas modernos de Saint-Yon. Em Boulogne foi criada uma escola de comércio, para aperfeiçoamento da caligrafia, da aritmética, da escrituração dos livros de contas... ao que foi depois acrescentado ainda

o desenho e a hidrografia. Uma tentativa de escola agrícola foi feita em Cherburgo. Em Montauban, uma biblioteca pública foi confiada aos Irmãos: os livros eram emprestados gratuitamente, e uma subvenção anual era abonada ao Irmão encarregado de inscrever as entradas e saídas dos livros.

O desenvolvimento dos Irmãos atesta grande atividade de vida interior. Homens de ordem, de disciplina e de tradição, estavam todos unidos na obediência às mesmas Regras e aos mesmos Superiores. Entre eles, vários foram de valor eminente. Dois, entretanto, merecem ser assinalados: os Irmãos Timóteo e Agatão. O primeiro, segundo sucessor de São João Batista de La Salle, presidiu com sagacidade e firmeza à primeira expansão das obras do Instituto. O Irmão Agatão, espírito superior, revelou tanta prudência e iniciativa no seu govêrno, que desde o Fundador, nenhum se assinalou tanto.

O espírito de tradição tem feito a fôrça dos Irmãos. “Em tôda a parte escreve um deles, levamos a nossa Regra, o nosso método e os nossos sistemas; pois se possuímos os ossos do nosso venerando Fundador, ainda mais conservamos o seu espírito”.

Menos de seis anos depois da morte de João Batista de La Salle, a 26 de janeiro de 1725, Bento XIII, pela Bula de aprovação, classificava o Instituto entre as Congregações religiosas oficialmente reconhecidas na Igreja: favor insigne, que assegurava ao Instituto a proteção da Igreja e lhe garantia a independência. Os bispos dedicavam tanta estima aos Irmãos, que os chamavam à porfia para as suas dioceses. O Papa Clemente XIV resumia os sentimentos de todos quando, em 1772, disse: “Faço um caso infinito dos Irmãos”.

O poder real observava os seus progressos com olhos não menos atentos, e estimulava os seus esforços. Desde o ano de 1724, Luiz XV os aprovou.

Abrigados assim sob a salvaguarda dos dois poderes, podiam os Irmãos cumprir livremente a sua missão religiosa e social.

Contudo não lhes faltaram inimigos. Coisa de estranhar é que os filósofos não chegassem a compreender a obra dos Irmãos, pedindo ao rei os expulsasse como perigosos. E por que motivo? “Porque contribuíam, disse um deles, para uma exagerada expansão gratuita da instrução. Se os Irmãos forem deixados livres, em breve já não haverá artífice que não saiba ler e escrever. O interêsse do Estado exigiria a

destruição dêles." Segundo os filósofos, são portanto os Irmãos um perigo, porque instruem o povo, gratuitamente.

Aos olhos dos calvinistas, são os Irmãos esteios demais firmes para a religião católica. Os huguenotes excitam cá e lá pequenas revoluções nas escolas, esperando alcançar por meio da desordem o despejo dos Irmãos.

Outras oposições ainda suscitava a rivalidade dos mestres calígrafos, pois a gratuidade das novas escolas era-lhes uma ameaça: era a instrução oferecida a todos indistintamente, dada gratuitamente e segundo métodos sumamente eficazes.

Mas é mistér notar que no século XVII o Instituto se desenvolvia em condições sociais muito diferentes das em que vive desde a Revolução.

As questões de educação ocupavam um lugar muito secundário perante a opinião geral: a côrte, o exército, o impôsto estavam em primeira plana. O Estado ainda não se apossara das escolas para delas fazer um instrumento de reinado. Muito mais ativa era a parte da Igreja; sua autoridade ocupava nisso um lugar preponderante.

Mas eis que vem a Revolução, a derrubar o mundo antigo e a reconstituir a sociedade sôbre bases novas. Durante essa terrível tempestade, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs desaparecerá por um tempo, mas não perecerá. Restabelecida a calma, reencetará sua marcha, em condições novas e para maiores progressos.

O INSTITUTO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS DURANTE A REVOLUÇÃO FRANCESA E SOB O IMPÉRIO.

Convocada para dirimir os abusos de que sofria o reino, a Assembléia de 1789 pareceu não ter outro fim mais que derrubar tôdas as instituições da antiga França. Os Irmãos, cuja obra era popular, não foram atacados desde o princípio; tiveram mesmo a esperança de que seu Instituto seria respeitado. A ilusão, porém, foi de pouca duração. O decreto de 22 de março de 1791, que obrigava todo professor a prestar o juramento cívico, pôs os Irmãos na alternativa de traírem o seu dever ou de abandonarem as suas escolas. Com simplicidade heróica, repeliram tôdas as intimações. Aliás, a dissolução dos mesmos estava resolvida, e foi decretada em 18 de agosto de 1792.

Imediatamente começou a dispersão. Durante o "Terror", uns pereceram no cadafalso, outros experimentaram os horrores da deportação ou consumaram seu sacrifício sôbre os pontões de Rochefort. O Irmão

Salomão caiu vítima do massacre dos encarcerados no mosteiro do Carmo, sendo beatificado com os companheiros, em 1926. Outros alistaram-se no exército. Vários continuaram a exercer suas funções de professôres. Alguns expatriaram-se, procurando refúgio na Itália, onde reforçaram as casas de Roma e de Orvieto.

Em poucos anos a tempestade revolucionária fêz enormes estragos, por demais violenta, porém ,para poder durar; esgotou seus furores antes de haver atingido até às raízes as árvores majestosas que derrubara. Destas raízes, ainda ricas de seiva, brotaram novos rebentos, cujas promessas consolaram as almas aflitas à vista de tantas ruínas. O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs foi um dos primeiros a reverdecer. Tinha em Roma uma reserva de vida, não sòmente por aí contar vários membros, mas porque lá também tinha um chefe, o Irmão Frumêncio, que o Papa Pio VI estabelecera Vigário Geral em 1793, depois de haver sido encarcerado o Irmão Agatão, Superior Geral. E assim que na França passou o reinado da guilhotina, os Irmãos sobreviventes retomaram aqui e ali as suas humildes funções. Duas escolas tornaram-se mesmo, em breve, muito florescentes: a do Irmão Gerbaud, em Paris, e a do Irmão Pigmenion, em Lião.

Quando Napoleão foi feito primeiro cônsul e começou a tomar conta da administração, teve a peito organizar a instrução pública. Achando-se diante da grande dificuldade de encontrar mestres para as escolas, fêz apêlo aos Irmãos e às religiosas. A instâncias de seu tio, o Cardeal Fesch, seu embaixador junto ao Papa, restituiu a existência legal aos Irmãos das Escolas Cristãs, por decreto de dezembro de 1803.

Esta aprovação oficial foi sinal do renascimento para o Instituto. Os antigos Irmãos dispersos agruparam-se na casa de Lião e retomaram o hábito religioso; novos recrutas, chamados pela Providência, vieram aumentar o pequeno rebanho; o Irmão Frumêncio, que conservou até a morte (1810) o título de Vigário Geral, deixou Roma para tomar em Lião o govêrno de sua Congregação.

Pouco depois, o decreto imperial de 17 de novembro de 1808, que criava na França a Universidade, estabeleceu o Instituto em situação oficial muito diferente do antigo estado de coisas.

Mas o espírito absolutista de Napoleão I quis que suas idéias e sentimentos fôssem as idéias e sentimentos de todos os seus súditos. Assim é que desde então a educação, reservada até aquêle tempo às famílias

e corporações docentes que gozavam da confiança daquelas, vinha a ser uma função do Estado.

Qual foi então a situação criada aos Irmãos?

Napoleão, que os tinha em alta estima, confiou-lhes certo número de escolas oficiais. Os que destarte tomavam a direção de escolas públicas, acharam-se incorporados à Universidade. Sem cessarem de ser religiosos, ficaram de alguma maneira funcionários do Estado, pagos pelo Estado. Até certo ponto vantajosa — pois permitia-lhes desempenhar sua missão de mestres populares — esta situação os atirou às vêzes em grandes embaraços, dos quais só saíram bem por uma invencível fidelidade às suas tradições.

Já em 1809, tiveram de apresentar as suas Constituições à aprovação da Universidade, sendo-lhes pedido regulassem sua obediência pelas máximas contidas na "Declaração do Clero de França", do ano de 1682. Foi preciso tóda a autoridade moral do Sr. Emery, Superior de São Sulpício e membro do Conselho da Universidade, para fazer riscar uma disposição tão vexatória.

Mais tarde, travou-se uma luta ardente em relação aos métodos de ensino, pois os ministros da instrução pública esforçaram-se, a partir de 1815, para implantar na França o método chamado de Lancaster, ou mútuo.

Sob a pressão do Governo, as escolas adotaram, com efeito, o novo processo em numerosas comunas. Porém, os Irmãos resistiram a tôdas as solicitações ministeriais. Destarte, pela sua fidelidade intransigente às tradições legadas por seu Fundador, salvaram o modo "simultâneo", que prevalece hoje em dia quase em tóda parte.

Nem todos os Irmãos, entretanto, estavam englobados no ensino oficial ou agregados à Universidade. Certas escolas privadas, autorizadas pelo poder, lhes estavam confiadas; nestas gozavam naturalmente de independência. É notável mesmo que, quando a casa matriz de Lião veio estabelecer-se em Paris, em 1821, os Irmãos não tinham nenhuma escola oficial na Capital. Mas os serviços que prestavam à cidade nas escolas privadas eram tão apreciados que, para os reconhecer e remunerar, a própria cidade lhes ofereceu gratuitamente uma casa.

Os Irmãos das Escolas Cristãs tinham a confiança das famílias e, com certa medida, o favor do Governo; eis porque o seu Instituto se desenvolveu sem parar e multiplicou o número das Escolas.

SOB O REGIME DA LIBERDADE

O Estado continuava mestre-escola, mas permitia a outros que o fôsem ao lado dêle, pelo que as escolas se multiplicavam rapidamente, pois a nova lei estabelecia que a um mestre munido de diploma, bastava uma simples declaração para abrir uma escola.

Houve, desde então, nítida distinção entre escolas comunais e escolas livres. As comunas podiam confiar suas escolas a mestres religiosos; destas os Irmãos dirigiram um grande número. Mas também se encarregaram de muitas escolas livres, sendo retribuidos pela caridade privada. Quer pagos pelo Estado, quer mantidos por particulares, cumpriram seu ministério de educadores cristãos segundo as tradições primitivas.

O poder, entretanto, favorecia com frequência os professôres leigos. Enquanto os Irmãos dependiam naturalmente dos seus Superiores religiosos, os leigos ficavam mais ao serviço, não da pátria, mas do ministro e da política dêste. Daí, do lado do Estado a tendência de multiplicar os mestres leigos. E veio o dia em que, sob pressão das paixões políticas e anti-religiosas, os poderes públicos da terceira República entraram no caminho das laicizações. Estas fizeram-se gradualmente, primeiro por via administrativa, depois por via legislativa.

A LAICIZAÇÃO DO ENSINO.

Em 1877 foi declarada a guerra à religião sob a forma de anticlericalismo, e iniciou-se a laicização dos serviços do Estado. Os mestres religiosos foram substituídos por professôres leigos. Apesar de o Irmão Superior Irlide fazer reconhecer, pelo Conselho do Estado, os direitos adquiridos pelo Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, as laicizações prosseguiram. Precipitaram-se em 1882, tornando-se a escola obrigatória, coisa mui sábia em si; a escola oficial devia ser gratuita para todos os meninos, o que era conforme às Regras dos Irmãos; mas todo o ensino religioso era proibido nas aulas comunais, disposição calculada para obrigar os mestres religiosos a saírem, por própria iniciativa, das escolas oficiais.

Diante dessa laicização dos programas ou neutralidade obrigatória, os mestres religiosos souberam conservar sua situação oficial e conciliar, assim mesmo, as prescrições legais com os seus deveres de educadores cristãos: graças ao concurso do clero e de católicos generosos, acharam

locais para, em certas horas, ensinar a religião e fazer a oração, coisas proibidas no recinto das aulas.

Para completar de vez a obra, as Câmaras votaram, em 1886, a laicização do pessoal docente. Não seria mais nomeado nenhum religioso em nenhuma escola municipal; e mesmo, em 1891, qualquer escola de meninos devia ser inteiramente laicizada.

Dêste modo os Irmãos, restabelecidos e animados por Napoleão I foram inteiramente afastados do ensino oficial. Desde 1886, são todos restringidos ao ensino livre. Como no tempo de seu Fundador, trabalham na educação dos pobres e dos filhos dos artífices, sendo retribuídos pela caridade privada, zelosa em salvar o povo da propaganda neutra e atéia.

As leis laicizantes do ensino, destinadas a acabar com as Congregações religiosas, nem bastaram para deter-lhes o progresso. Repelidos pelo Estado, acharam os religiosos, na liberdade, um princípio de desenvolvimento interior e uma fôrça de expansão para o exterior.

Quatorze anos depois, isto é, em 1900, ano da canonização do Santo Fundador, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs contava: 15.060 Irmãos em exercício; 4.400 noviços e aspirantes; 1.530 casas disseminadas em tôdas as partes do mundo; 1934 escolas para instrução popular; 75 internatos; para os filhos de operários, de agricultores, de negociantes e industriais; 316.376 alunos de tôdas as raças e sob todos os céus.

O ano de 1900 foi, de fato, triunfal para o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. Na basílica de São Pedro, em Roma, no dia 24 de maio, festa da Ascensão de Nosso Senhor, Leão XIII canonizava seu Fundador, o qual fôra declarado Venerável em 1840, e beatificado em 1888. O Pontífice, saudando o nobre batalhão dos Irmãos, dizia-lhes: "Vós sois legião!"

Na Exposição de Paris, as mais altas recompensas foram conferidas ao Instituto pelo seu ensino primário e industrial-agrícola: alcançava quatro "prêmios maiores", quatorze "medalhas de ouro" e vinte e uma "medalhas de prata".

Tais fatos mostraram a inutilidade de todos os ataques que golpearam as Congregações religiosas: essas árvores podadas davam cada vez mais frutos e cada vez mais perfeitos. O único meio de impedi-lo seria desarraigá-las. E lá vieram as *leis combistas*, para proceder à extinção das Congregações não autorizadas. Em 1904, completou-se a obra nefanda, pelo ataque a todo o ensino congreganista. Logo no mesmo ano foram

fechadas oitenta escolas dos Irmãos das Escolas Cristãs; outras tantas no ano seguinte e, até setembro de 1914, deviam acabar as últimas.

Foi um golpe terrível para a Congregação. Pondo, porém, em prática a palavra de Nosso Senhor: "Quando vos perseguirem em uma cidade, fugi para outra", partiram os Irmãos para a Bélgica, a Inglaterra, a Itália, a Espanha, a Alemanha, a Turquia, o Canadá, os Estados Unidos, o México, a América do Sul, as Índias, a Austrália... O Instituto tornou-se *missionário*: "Nós não éramos bastante apostólicos, disse o Superior, Irmão Gabriel Maria. Deus obriga-nos a olharmos para mais longe; e iremos para toda parte..."

Tôda a terra pertence ao Senhor!"

O INSTITUTO FORA DA FRANÇA

Até à Revolução francesa, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs contava apenas quatro escolas fora da França, a saber: duas na Itália, uma na Suíça e uma na Martinica.

De 1791 a 1829, abriram-se várias casas na Bélgica, fechadas porém, pelo governo protestante da Holanda, pouco depois. Com a independência belga em 1830, reabriram-se e multiplicaram-se as casas.

A expansão do Instituto tomou vulto extraordinário durante o prolongado generalato do dinâmico Irmão Felipe, de 1838 a 1874. De um total de 1.002 fundações executadas durante êsse prazo, 733 couberam à França, 98 a diversos países da Europa, 26 à Ásia, 44 à África e 101 à América.

Disseminados, atualmente, pelas cinco partes do mundo, continuam os Irmãos Lassalistas, fiéis ao espírito de seu Santo Pai e Fundador, a prodigalizar os benefícios da educação cristã e a instrução em todos os graus do ensino a mais de 400.000 alunos, espalhados em 65 países de diversas latitudes, frequentando as 1.268 escolas cristãs.

No Brasil, aportaram os filhos de São João Batista de La Salle em 1907, exercendo até a data presente, seu apostolado, principalmente nos Estados do Sul.

O QUE SUGERE UM INQUÉRITO

Altair Malan d'Angrogne

Diretora do Setor de
Economia Doméstica do DSAS.

Começa-se no Brasil a falar em educação familiar e doméstica e a lhe dar o lugar que deve ter na formação feminina.

Verdade é que desde muito consta de programas oficiais: —

- em 15-1-1946 foi publicada no Diário Oficial e retificada a 21-1-1946, a Portaria Ministerial de 7-1-1946 que expede programas de economia doméstica para o curso ginásial;
- desde 1913 foram criadas na Prefeitura do Distrito Federal as Escolas Técnico-Profissionais que existem até hoje, e que no princípio se destinavam a formar profissionais tendo, aos poucos, as femininas, evoluído, incluindo no seu programa o de economia doméstica citado acima.

Houve também, no ensino particular, diversas e grandes iniciativas neste setor, dentre as quais destacaremos a Escola Doméstica de Natal, fundada em 1914.

Mas só em 1955, tanto a Prefeitura do Distrito Federal quanto o Ministério da Educação e Cultura, realizaram os primeiros concursos para provimento dos cargos de professores de economia doméstica, tanto do ensino técnico profissional, quanto secundário.

Também em 1955 foi realizado sob os auspícios do E.T.A. (Escritório Técnico de Agricultura da Embaixada Americana) o primeiro Congresso de Economia Doméstica, na Universidade Rural, que reuniu escolas leigas, protestantes, católicas e materialistas, mas que demonstrou o grande interesse que o assunto despertava e grandes iniciativas já postas em prática.

Em diversos países, essa educação feminina por excelência, de grande influência para a família e para a sociedade, está já muito desenvolvida. Lembraremos apenas, a Suíça, a Noruega, a Suécia, a França, a Bélgica, os Estados Unidos da América. Dêste último país, que possui grandes escolas católicas, lastimamos apenas que nos enviem técnicos, em "home economics", protestantes e muitas vezes simplesmente materialistas.

Entre nós, como sempre, estiveram na vanguarda as Congregações Religiosas.

Sentiu o Departamento de Serviço e Assistência Social (D.S.A.S.) da C.R.B., a necessidade de pôr-se em contáto com as 69 Escolas que constam do Anuário dos Religiosos, de 1955, para saber o que realmente fazemos, sentimo-nos mais fortes e estimuladas por êste conhecimento, e aproveitarmos umas, das experiências feitas pelas outras. Isto corresponde ao lema do D.S.A.S.

"Quantas coisas poderemos fazer unidas, que sòzinhas não poderíamos fazer..." (R.P. Arcádio Larraona — Discurso — I Congresso dos Religiosos do Brasil).

Em princípios de Setembro de 1955 lançou pois o D.S.A.S. um inquérito pedindo respostas até 20 de outubro de 1955. Das 69 casas que se ocupam de ensino doméstico, 29 responderam, isto é, 41%.

Estas respostas, que muito agradecemos, permitiram já ter uma idéia do muito que fazem as Congregações Religiosas, através de dados frios, pouco esclarecedores, porque a estatística é estática, não dinâmica, não se amolda às modalidades e peculiaridades da vida. Assim mesmo, porém, é possível avaliar o quanto de dedicação, de coragem, de sacrifícios êsses dados representam. É êsse o segrêdo de Deus, a estatística para o Céu, que, para almas consagradas, têm valor infinitamente maior.

Não devemos, porém, parar nêsse conhecimento, não é esta a finalidade do questionário, mas antes o de conhecer para ajudar.

1º — *Dar um balanço nas iniciativas religiosas*

— Saber quantos somos e o que fazemos, para poder falar, pedir, em nome de um número que representa a realidade. Um simples pedido de redução de preços de determinado artigo, tem mais probabilidade de ser atendido, se for feito em nome de 100 consumidores em vez de um.

— Saber quantos somos e o que fazemos, para nosso estímulo. Nada ajuda tanto a permanecer, quanto o saber que outros mourejam sob as mesmas intempéries, ao mesmo ritmo. Deus criou o homem, um ser social, que precisa do exemplo do semelhante para ter coragem.

— Saber quantos somos e o que fazemos para defesa dos princípios de Deus em todos os campos e muito especialmente no da educação familiar. Dentro da família o elemento cuja influência tem mais repercussão é certamente a mulher, a mãe. Sua influência é decisiva e quasi exclusiva até dois anos, período em que tôdas as sementes são lançadas na alma humana. Não minimizamos a influência paterna, ela é importantíssima e por isso Deus confiou aos dois a formação dos novos seres; a da mãe, porém, é mais decisiva na implantação de princípios e a do pai no seu desabrochar. Quando, através das mães capazes de assumir conscientemente suas responsabilidades, tivermos lares onde se plasmem brasileiros, filhos de Deus e da Igreja, então será verdadeiramente Terra de Santa Cruz a nossa pátria.

2º — *Unir*

Unir não quer dizer unificar. Para unir há necessidade de variedade, diversidade. Duas coisas perfeitamente iguais, não se unem mas se justapõem. Só onde há diferenças, pode ser sólida a união. A união das Ordens Religiosas é sólida, porque a Igreja, Mãe admirável, respeita em cada uma o que a diversifica.

Mas para unir é necessário entender-se, isto é, falar a mesma linguagem, possuir a mesma terminologia.

Na parte de economia doméstica ou educação familiar, o que verificamos neste inquérito — daí a dificuldade para certas respostas — é que as denominações não significam as mesmas coisas.

63 Escolas estão reunidas no Anuário dos Religiosos, sob a epígrafe “Escolas Domésticas”.

12 formam empregadas domésticas.

5 formam professoras de economia doméstica.

2 formam costureiras.

1 forma para a arte culinária.

10 formam Educadoras Familiares.

Aqui, entramos em grande divergência. O título de Educadora Familiar é reservado às pessoas que fazem um curso de três anos, nas Escolas Familiares, as quais exigem sempre curso ginásial completo e, algumas delas, exigem o curso colegial ou normal; dão diploma de Educadora Familiar reconhecido 13 Estados (Departamento Técnico Profissional ou Secretaria de Educação e Cultura) dando direito à nomeação para professoras de economia doméstica do ensino secundário. No Rio, o Ministério da Educação e Cultura, Divisão de Ensino Secundário, reconhece o diploma para os cargos de professoras de trabalhos manuais e de economia doméstica.

Portanto, as Escolas que só exigem o curso primário ou que formam para o serviço doméstico e familiar, não preparam Educadoras Familiares. As Escolas que formam profissionais de serviço doméstico, como cozinheiras, copeiras, amas, pagens ou "babás" e costureiras, sem nenhuma exigência de instrução, deveriam chamar-se Escolas Domésticas. As Escolas que preparam moças ou meninas para o lar, mas que não visam salários, nem emprêgos, deveriam chamar-se Escolas ou Cursos de Preparação para o Lar. Seria bom que tôdas elas concedessem certificados e poderiam exigir no mínimo o curso primário.

Algumas respostas dão a entender que a denominação "Escola Doméstica" se refere a aulas dadas no curso primário ou ginásial. Outras respostas se referem a cursos anexos à Escola Doméstica, mas esta é só de ensino primário ou até pré-primário e jardim da infância.

3º — *Prestar serviços*

Os pedidos de auxílio em todos os campos demonstram a necessidade do D.S.A.S. Ele foi criado para prestar serviços e se sente bem quando está dentro de sua finalidade.

3 Escolas pediram máquinas de costura. Tem o D.S.A.S. procurado satisfazê-las e se não conseguir obtê-las gratuitas, o que parece muito difícil, tenta obter reduções de preços. A "Companhia Singer" já concede 20% em qualquer Estado do Brasil.

9 Escolas pediram cursos intensivos para formar professoras. O D.S.A.S. pensa em organizar no Rio alguma coisa neste ano de 1956.

- 8 pediram documentação para as aulas. Uma lista bibliográfica está sendo elaborada.
- 12 Escolas pediram programas especializados que estão sendo enviados.
- 6 pediram auxílio financeiro. Não dispõe o D.S.A.S. de verbas para essa espécie de auxílios. Mas não será uma forma de auxílio financeiro o ajudar a ter material especializado, programas adequados, orientação profissional, de modo a permitir maior número de alunas, portanto, melhor aparelhamento e maior influência das Escolas Católicas?
- 6 pediram material didático ou especializado para o ensino doméstico.
- As providências vão ser tomadas.

Algumas observações

I — Número de respostas

Gostaria o D.S.A.S. ter recebido 100% de respostas, o que permitira uma visão mais real da questão. Entretanto, elas já são representativas, pois vieram de 13 Estados diferentes.

II — Dados discordantes

Das 23 Escolas Domésticas propriamente ditas (6 são Escolas de Educação Familiar) 16 formam profissionais e só 8 — 50% — exigem especialização para as professoras. Dentre elas, 3 declaram formar professoras de economia doméstica, sem nenhuma exigência de especialização ou instrução para as professoras que transmitem os conhecimentos.

10 Escolas Domésticas têm só religiosas como professoras das quais, 5 Escolas não têm nenhuma professora especializada.

Há uma Escola Doméstica que possui 203 alunas para 6 professoras religiosas, sem especialização...

Outra, para 263 alunas, tem duas religiosas e 8 leigas, nenhuma especializada. Outra ainda, 294 alunas, 6 religiosas e 5 leigas, nenhuma especializada.

III — Professores

Nas 29 Escolas que responderam, a maioria das professôras são religiosas:

121 religiosas para 100 leigas.

19 Escolas têm mais religiosas do que leigas — 52%

8 Escolas têm mais leigas — 30%

10 Escolas não fazem nenhuma exigência para professôras — nem de curso normal, nem de especialização.

9 nada responderam sôbre isso.

IV — Alunas — O número total de alunas das 29 Escolas é de 2.114.

<i>Nº de alunas</i>	<i>Frequência</i>
Menos de 50	12
Entre 50 e 100	8
Entre 100 e 150	3
Entre 150 e 200	1
Entre 200 e 250	1
Entre 250 e 300	2

Vemos que são pequenas as Escolas, o que não é de admirar, pois o ensino prático que deve ser ministrado exige pequenas turmas. Não se pode dar aula de culinária, costura ou corte, onde as alunas devem executar elas próprias, com grupos de mais de 12 alunas. Passariam a ser aulas mais teóricas, com rendimento diminuto e pouco interesse para a formação. Exige isto também número de professôras, e de professôras especializadas.

O D.S.A.S. almeja ser útil. Para isso desejaria que os problemas pudessem ser atendidos com conhecimento de causa, o que torna imprescindível o conhecimento dos programas em vigor. É o que pedimos em nova circular dirigida a tôdas as Escolas Domésticas que constam do Anuário. Se outras, por acaso não relacionadas, quiserem colaborar com o D.S.A.S. enviando seus programas, desde já nossos melhores agradecimentos.

Espera o D.S.A.S. que êsse primeiro contato estabeleça relações mais assíduas entre as Religiosas que se dedicam a ensino doméstico e familiar, para que da união resulte maior fôrça para a maior glória de Deus.

HOMENAGEM AO SANTO PADRE (1)

Pe. Irineu Leopoldino de Souza

A comemoração de três aniversários nos congregou esta tarde. O primeiro dêles, o de fundação da Conferência dos Religiosos do Brasil, muito simples, pequenino, porém nem por isto menos significativo nem menos grato a tôdas as almas consagradas. O segundo, o natalício do Santo Padre o Papa Pio XII, gloriosamente reinante, e o terceiro, o da elevação do Cardeal Eugenio Pacelli ao sólio pontifício, 17 anos atrás, são apenas um éco a mais, que se repete às margens da linda Guanabara, e que vem compondo magnífica sinfonia de gratidão e fidelidade ao Pontífice, de nação em nação, de um povo a outro, de uma congregação religiosa a outra, e dentro das fronteiras de nossa Pátria, de uma comunidade a outra, desde as mais distantes e mais pobres das zonas de missão, entre os indígenas. Todos somos devedores do grande Pontífice, e todos lhe rendemos, gostosamente, o tributo de nosso amor filial.

É bem verdade que estamos contrariando um dos preceitos de arte e estética, enunciado pelo poeta, proibindo misturar as coisas pequenas com as grandes. Preferimos, porém, ficar em desacôrdo com a estilística, para sintonizar outros valôres, humanos, bem mais vitais para o desenvolvimento e progresso dos estados de perfeição.

Debaixo da orientação segura e clarividente de Pio XII, tudo se está renovando na Igreja de Deus. Tôdas as fôrças vivas do reino messiânico se articulam, para superar as novas condições dos tempos. E os estados de perfeição, êste exército de almas que tudo abandonaram na terra, para

(1) Alocução do Secretário Geral da C.R.B., abrindo a sessão solene com que os Religiosos e Religiosas celebraram o 80.º aniversário do Santo Padre, no dia 25 de Março.

viverem unicamente consagradas aos interesses do Grande Rei, sentem, por tãda a parte, o influxo vivificante do movimento de atualização e organização principiado pelas encíclicas "Provida Mater Ecclesia" e "Sponsa Christi", sistematizado pelo grande Congresso do Ano Santo, em Roma, e difundido por tãda a periferia do orbe católico em congressos e organizações nacionais dos religiosos.

Não soubemos encontrar melhor meio prático para homenagear o Santo Padre, na ocorrência tão faustosa de seu aniversário, do que demonstrar que estamos filialmente executando as diretivas por êle traçadas para a renovação adatada dos estados de perfeição. Por isto unimos uma comemoração tão grande e tão solêne, a esta outra tão pequenina.

O Santo Padre deseja a atualização dos estados de perfeição, através da melhor formação dos religiosos, para que se coloquem bem à altura das tarefas mais difíceis que lhes são agora confiadas nos vários campos de seu apostolado. Renovação nos métodos de formação e nos métodos de trabalho. Pois bem. Embora em tão pouco tempo, a Conferência dos Religiosos vem estimulando e promovendo eficazmente os cursos de atualização para os religiosos e religiosas, realizados sob as formas mais diversas. Cursos de cultura religiosa, de formação de catequistas, de auxiliares sociais, de educação familiar, de administração de obras, de estatística, já se realizaram, repetem-se periódicamente, ou se realizam de maneira habitual, do Distrito Federal a Salvador, de aí para Maceió, Aracajú, João Pessoa, São Luiz do Maranhão ou Fortaleza. E a Revista dos Religiosos, mensalmente, leva a tãdas as comunidades do Brasil, estudos sérios e de atualidade, sôbre os problemas da formação e do apostolado. A solenidade de hoje, com a entrega dos certificados de auxiliares sociais, administração de obras, e estatística, às religiosas que completaram os últimos cursos encerrados no Distrito Federal, é bem uma demonstração do vasto e profundo trabalho de formação que a Conferência vem desenvolvendo.

Colhemos com satisfação esta oportunidade, para manifestar de público a nossa gratidão e reconhecimento a quantos promovem ou nos ajudam a promover estes cursos de atualização, colocando no devido destaque a Escola Nacional de Ciências Estatísticas e seu benemérito Diretor, Prof. Dr. Lourival Camara, aquí tão bem representada pelo seu vice-diretor, Prof. Dr. Antonio Garcia de Miranda Netto.

Mas não basta atualizar a formação. Quando saímos a campo para as batalhas pacíficas do Senhor, impõe-se a organização, a articulação. É a segunda etapa do grande movimento principiado no Ano Santo de Roma. Ora, para este plano de atividades, a Conferência conta com 6 Departamentos e 6 Serviços, em plena eficiência, sob a responsabilidade direta e imediata de sua Diretoria, todos criados após a sua fundação. Conta a colaboração de um departamento autônomo, que já pré-existia à sua organização; e tem em andamento a estruturação de outros departamentos e outros serviços, não prefixados nos estatutos mas aconselhados pelas circunstâncias e pelo desenvolver-se de suas atividades. Tanto ou mais do que no Rio de Janeiro, a Conferência vem fazendo sentir seu influxo organizador na periferia, extendendo por todo o território nacional uma grande rede de agências e sucursais, de filiais, de secções estaduais ou regionais, para prestar assistência ao religioso e religiosa lá onde ele se encontra mourejando na vinha do Senhor. Oito destas filiais já estão em plena atividade. E para o Segundo Congresso dos Religiosos, assim como pela primeira vez virão os congressistas não só para as reuniões gerais do plenário, onde se tratarão assuntos de interesse comum, como ainda se distribuirão depois em secções especializadas, para estudar os problemas próprios de cada ramo de suas atividades apostólicas; da mesma forma, pela primeira vez, além da reunião da diretoria nacional que tem sede no Rio de Janeiro, outra se fará, das diretorias de todas as filiais ou secções estaduais, espalhadas pela imensidão deste Brasil que não tem fim, para estudar os problemas de articulação e de difusão da benéfica influência deste espírito novo que nos congregou na Conferência.

Este, Eminência, o sentido da solenidade que tanto se honra e se abrilhanta pela dignação de sua presidência. Antes, porém, que os nossos olhos se voltem para a colina do Vaticano, a contemplar a figura impar de Pio XII, na saudação eloquente de Frei Gil Maria, permita, Eminência, que nos detenhamos um momento atentos ao outeiro da Gloria ou à colina do Sumaré, mais vizinha de nós, onde Pio XII colocou a representá-lo um pastor que tão bem renova para a Terra de Santa Cruz as larguezas do coração magnânimo do Pastor Suprêmo da Cristandade. A Conferência dos Religiosos entende prestar primeiro uma cordial homenagem a Vossa Eminência Reverendíssima. Dom Jaime foi a coluna mestra da preparação e realização do Primeiro Congresso dos Religiosos. Sua orien-

tação segura e prudente traçou os rumos para a organização nacional dos religiosos no Brasil. Sua bênção paterna foi a garantia das bênçãos divinas. Seu aprêço pela obra desenvolvida pelas congregações religiosas, sua alta estima pelos estados de perfeição, constituem um conforto para todos nós, e nos empenham sempre com mais afinco a realizar o que seu coração de pastor espera e deseja. Nós não conseguimos saldar a dívida de gratidão que temos para com Vossa Eminência. E creio mesmo que não conseguiremos. Mas aproveitaremos sempre ocasiões como esta, para consignar alguma parcela, mesmo pequena, à conta de crédito. A Conferência dos Religiosos sauda pois a V. Eminência, Sr. Cardeal Dom Jaime, e lhe agradece um pouco do muito que lhe deve.



Comunicação

O Departamento de Estatística da C. R. B. transferiu sua séde para Ladeira Santa Teresa, 143 — Telefone 32-8566.

AO SANTO PADRE O PAPA PIO XII (1)

Frei Gil Maria Wanderley O. F. M.

Emmo. Snr. Cardeal Arcebispo:

Neste salão, que a presença de V. Emcia. magnifica em púrpura, ouvidas as palavras sábias do Rvmo. Secretário da C.R.B., nesta solemnidade que a assistência impregna de piedade e amor, animada pelos acordes de Gounod avivados nos dedos hábeis de D. Plácido, solemnidade que vai culminar na cerimônia em que se premeiam Religiosas concluintes de Cursos Sociais, nossa filial homenagem ao Santo Padre, toma cambiantes de uma liturgia.

E nesta liturgia harmoniosamente suave, Exmo. Sr. Abade, Rvmos. Padres, Rvdos. Religiosos e Religiosas, minhas Senhoras, meus Senhores, sejam minhas palavras a modo de uma eucaristia.

Explico-me

Em seu étimo, liturgia, como sabeis, era dádiva de honra; eucaristia, vem a ser boas graças, agradecimentos.

Assim sendo, tomo da Missa um "scherzo" do hino angélico, para cantar convosco as maravilhas do Papado através dos séculos, e nas calendas santas do octogésimo aniversário do Santo Padre Pio XII.

Gratias agimus tibi,

propter magnam gloriam tuam!

Agradecemos-vos, Senhor, o conhecimento que, pela revelação, temos de vossa glória infinita: perfeição substancial de uma vida íntima na inascibilidade do Pai, na geração do Verbo, na processão do Amor.

E vos agradecemos, porque nas lutas desta vida, nos alenta e jubíla a esperança de participarmos, no dia luminoso da eternidade de vossa gloriosa beatitude.

(1) Oração oficial da solene homenagem dos Religiosos ao Santo Padre, no Rio, em 25 de março último.

Gratias agimus tibi!

E vos agradecemos, Onipotência infinita, as maravilhas de vossa criação, cantando nos coros angélicos, no sol que lembra vosso amor, na lua, que recorda os encantos da Virgem Mãe, nas estrélas que falam dos justos em cintilações de glória e virtude, nos frutos e animais que alimentam o corpo, nas flores que embelezam a vida.

Gratias agimus tibi!

Na contemplação de vossa divindade e do universo, chegamos à maravilha transcendente da união desta natureza criada com a divina, em Jesus, “esplendor de vossa glória, glória visível de Deus invisível, figura de vossa substância”, mistério inefável, que no plano retificado de vossa providência se fez Redenção, arremessando-se ao céu, através da cruz, levando para o trono divino a natureza humana.

De alma ajoelhada, agradecemos-vos esta glória, que é fonte inexaurível de nossa vida cristã, garantia de nossa vida celeste.

Gratias agimus tibi!

Foi-nos revelado o mistério de vossos desígnios, fazendo da Igreja, que irrompeu do lado de Jesus, a glória da Encarnação e seu complemento, (como a espôsa perfaz o espôso), dando-lhe a plenitude, seu Corpo Místico, de que somos membros vários, a cuja vanguarda, neste vale de lágrimas, está o “Doce Cristo na terra”, o Santo Padre Pio XII.

Gratias agimus tibi!

Ezequiel viu a glória divina no mistério das rodas, nas formas animadas, no espírito que a tudo dirigia. Ao cristão a glória de Deus transparece na unidade da Igreja, assegurada pela sua Divina Providência.

“O presente que Deus Eterno fez à humanidade, é seu Filho, Jesus Cristo — escrevia o então Cardial Pacelli ao Arcebispo de Colonia. — A dádiva de Cristo ao mundo é a Igreja edificada sôbre o rochedo de Pedro. O magistério vivo desta Igreja está concretizado no Papa e nos Bispos unidos a êle.”

Cantemos eucarísticamente esta glória na unidade da Igreja.

A natureza divina “onde o número não existe sinão nas relações das três Pessoas iguais, terminando numa perfeita unidade” (Bossuet) que glória! E esta glória Jesus a pediu para a Igreja: “Como estais em mim e eu em vós, ó Pai, assim sejam êles um em nós.” Esta união, consoante as palavras de Cristo, é uma participação da divindade: “Que sejam um como nós”.

Em seu lirismo, todo dogmático, arrebatando-nos a Águia de Meaux à hierarquia angélica, cuja “luz se distribui sem se dividir, passando de uma a outra ordem, sem perfeita correspondência, que perfeita é a subordinação”.

Esta ordem baixou do céu à terra, quando Jesus, depois de ensinar as Bem-aventuranças, e de aos Apóstolos dar poder de pregar e batizar, perdoar e sacrificar, tornou Simão pedra basilar da Igreja.

E os que sentimos em nós o valor da nova lei, reconhecemos na Cátedra de Pedro a plenitude do poder apostólico, o fulcro da unidade católica.

E considerando as desagregações das seitas protestantes, somos impedidos a agradecer a Deus a glória desta unidade católica.

Gratias agimus tibi!

A todos os Apóstolos Jesus dera poder, mas os enfeixou em Pedro, quando realizou no Genezaré a promessa de Cesaréa de Felipes, acontecimento este já simbolizado, quando após haver ensinado da barca de Pedro, mandou a este que dirigisse ao largo — DUC IN ALTUM — acrescentando a todos: — ET LAXATE RETIA VESTRA IN CAPTURAM PISCIUM.

Por isto, é ele quem preside a eleição de um novo Apóstolo, quem dirime a controvérsia no Concílio de Jerusalém, e o primeiro a receber um gentio. Por isto, o grande convertido de Damasco vai visitar especialmente a Pedro. E Pedro, sustentáculo da unidade, entregando Jerusalém aos cuidados pastorais de Tiago, passa a Antioquia. Depois de sete anos de episcopado, entrega Antioquia à solicitude de Evódio, e vai estabelecer sua cátedra definitivamente em Roma, de onde seus sucessores irradiariam a certeza das verdades religiosas, garantindo a unidade.

Pedro viverá em seus sucessores, numa história única no mundo, radiante de cintilações, ora rude, ora singela, ensanguentada e gloriosa.

Quando morre, no ano 67, Lino toma seu episcopado em Roma. Cleto, que sucede a Lino, já apõe em suas cartas: “Saudação e benção apostólica”. Clemente recebe as chaves e as passa a Evaristo, que as entrega a Sixto, que as transmite a Telésforo, a Higino, a Pio.....

Tintos do próprio sangue, os Papas dos três primeiros séculos, sagrados pelo heroísmo como pelo sacerdócio supremo, empunham o báculo pastoral, defendendo a verdade, garantindo a unidade.

Clemente, numa carta que é lida nas reuniões litúrgicas, escreve aos

coríntios solucionando pendências entre presbíteros e leigos, ainda que esteja vivo o Apóstolo João.

Inocência I condena o Pelagianismo. Vitor decide a querela da Páscoa. Estevão declara válido o batismo ministrado por herejes, ainda que tenham opinião contrária 60 Bispos africanos, estando entre eles o grande Cipriano.

Para não multiplicar exemplos, ouçamos a célebre frase de S. Agostinho: *Per Papae rescriptum, causa finita.*"

E colhemos na história (1) epítetos gloriosos que a antiguidade dá à Cátedra de Pedro: "Principado da cátedra apostólica — Fonte da verdade — Principado principal — Cabeça do episcopado, donde se irradia o govêrno — Igreja-Mãe que dirige a conduta de tôdas as outras igrejas — Cátedra principal, única, em que se fundamenta a unidade — Igreja que dirige os Bispos como a cabeça dirige os membros".

São vozes da África, das Gálias, da Grécia, da Asia, saídas, à compita, dos lábios de Optato de Mileve, de Agostinho, de Cipriano, de Irineu, de Próspero, de Teodoreto, do Concilio de Calcedônia.

Que gloriosa fonte de unidade!

Gratias agimus tibi!

Passada a procela das perseguições, em que os Papas como os fiéis, contemplavam no martírio o que faltava à Paixão de Cristo, o Decreto de Milão permite que a Igreja irradie a verdade com maior difusão, de canto a canto: de Nicéa, onde Silvestre por seus representantes condena Ario, a Constantinopla, onde Leão fulmina os monofisitas; de Efeso, onde Celestino afirma a Maternidade Divina de Maria, ao Vaticano, onde Pio IX declara dogma a infalibilidade pontifícia.

E os Papas, ouvindo ainda a voz de Cristo: "Apascenta meus cordeiros, minhas ovelhas", cristianizam os bárbaros.

Celestino I envia Patrício à Irlanda, que se faz Ilha dos Santos. S. Gregório Magno envia Agostinho à Inglaterra a fazer dos anglos anjos. Gregório II toma Wilfrido, dá-lhe o nome de Bonifácio, e o envia a cantar o vexilo da cruz em lugar do carvalho sagrado da Germânia. Adriano II envia Metódio a dissipar as trevas dos Eslavos. Enviado por Nicolau I, Ansgário rompe a barbárie dos Escandinavos. Martinho vai à Panônia, converter os Suecos.

(1) Apud Bossuet

São cinco séculos de evangelização metódica. Podemos dizer que o Bispo de Hipona idealizou a *Civitas Dei* e os Papas a construíram unificando na doutrina, nos costumes, para que todos sejam um em caridade e justiça, como Jesus e o Pai são uma só natureza.

Gratias agimus tibi!

Admiremos mais uma manifestação da Providência Divina na história dos Papas.

Depois desta vitória miraculosa da Ponte Mílvia, Constantino, tendo passado pelo Arco de Triunfo, deixou Roma a Silvestre e foi, nas margens do Bósforo, fundar sua Constantinopla. Daí por diante, Roma não será mais sede de govêrno algum imperial. Quando Teodósio partilha seu império entre dois filhos, o do Ocidente terá por capital Milão. Os Hérulos e Ostrogodos, pretendendo estabelecer um novo império na península, é em Ravena que colocarão sua capital. Os Lombardos se aproximam de Roma, mas é em Pavia que se estabelecem.

Reis e imperadores transitarão por Roma, apenas como viajantes.

Não bastava, entretanto, tendo a enfrentar imperadores bárbaros, ambiciosos, sem noção de direito, ao Papa não bastava ter Roma por menagem. Para manter a unidade da Igreja, nos tempos de transição, o Sumo Pontífice devia, além da supremacia espiritual, usufruir de uma independência espiritual, porque, como disse Lacordaire, "sem a supremacia espiritual, a unidade não passaria de uma quimera; sem a independência temporal, a supremacia não seria mais que a escravização da verdade, concentrada em um só homem e este homem à mercê de um imperador, de uma república.

E a providência se serve da contenda suscitada entre rei de direito e rei de fato, à qual S. Zacarias, posto como árbitro, dá o laudo: "Tenha o título e as honras, quem guarda o poder e a responsabilidade".

É, então, que Pepino o Breve, em 755, doa ao Papa Estevam III algumas cidades, que praticamente estavam já sob o seu domínio. A doação de Pepino foi confirmada por Carlos Magno, em 776, e depositado o pergaminho no túmulo de S. Pedro, com sua assinatura em cruz.

Quem, hoje, penetra a Basílica Vaticana, vê uma pedra circular de pórfiro, logo à entrada. Mais que identificação do lugar onde, na noite de Natal de 800, foi coroado Carlos Magno, é aquela pedra marco de um novo Estado, descrito por V. Emcia., num traço nítido, como a Repú-

blica Christiana, na qual o Papa "supervisionava em nome de Deus o elaborar-se de uma nova civilização".

E o Papa se tornou árbitro obrigatório nas pendências originadas de poderes fortes em mãos irresponsáveis ou faltas de virtude.

Gregório IV procura fazer a concórdia entre Luiz o Pio e seus filhos.

Lotário II, casado com Teutberga, tenta casar-se com Valdrava, já sua amante. Alguns bispos declaram nulo o primeiro casamento, mas a rainha escreve a Roma e Nicolau excomunga os culpados, defendendo os direitos da rainha.

Adriano II excomunga Fócio.

A Urbano II cabe a iniciativa da primeira Cruzada, no sínodo de Clermont, em 1095.

E quando a situação se fez medonha, a Providência toma da oficina de um carpinteiro de Toscana, Hildebrando, caldeia seu temperamento férreo no silêncio do claustro e no fragor da política, fá-lo dirigir os negócios da Igreja durante o govêrno de cinco Papas, e o torna Gregório VII, o "santo diabo", como o chamavam seus inimigos, a lutar pela liberdade da Igreja e das nações.

De Gregório VII a Bonifácio VIII passam-se três séculos, durante os quais ódios se extinguem, desfazem-se querelas, defendem-se oprimidos, cria-se a disciplina, respeitam-se as leis, assegura-se a unidade da Igreja na justiça do direito.

É a Divina Providência em Adriano III e Gregório IX contra os Hohenstauffen; em Inocêncio III contra os barões ingleses revoltados; em Celestino III contra Leopoldo da Austria, que retém cativo a Ricardo Coração de Leão; em Martinho IV excomungando a Pedro de Aragão, criminoso das Vésperas Sicilianas em Bonifácio VIII lembrando a Felipe o Belo seus deveres de soberano.

Que grandeza a dos Papas, mesmo sob o aspecto político! Nem Voltaire pode silenciar. Sem o Papa — diz o homem de Ferney — a Europa saída da barbárie, sem um domínio espiritual e moral, tornar-se-ia teatro de lutas infindas, e um deserto como o da Mongólia". E ao insuspeito Littré ouvimos: "Quem principalmente salvou a sociedade nos séculos V, VI, e VII, foi a Igreja".

Podemos lembrar, nos últimos tempos, as três Encíclicas de Pio XI

contra três potências no auge do seu poder e na ameaça de seus desmandos.

Nesta solenidade, pois, mais uma vez, exclamamos, em face à glória de Deus na política do Vaticano:

Gratias agimus tibi!

Chefe da unidade cristã, o Papa se fez alma e centro da civilização, na queda do império romano, numa obra de regeneração religiosa e social.

No terreno educacional muito há de dizer da ação benfazeja dos Papas. Gregório Magno, o Orfeu cristão, ensinando canto; Leão IV multiplicando escolas; Nicolau interessando-se pelos manuscritos dos poetas, enviando copistas às bibliotecas; Gregório XIII, consultando astros e astrônomos para corrigir o calendário juliano; Urbano VIII, inspirador poético de seu tempo; Silvestre II, a maior cerebração no clima apocalítico do "século de ferro".

Nomeemos as universidades: Roma, Bolonha, Salerno, Paris, Montpellier; e temos que dizer Inocêncio III, Nicolau IV, Clemente V, Pio II.

Em tudo, foi o Papa o centro da unidade construtora. Ouçamos ainda uma vez a palavra de Jesus, em sua Oração Sacerdotal: "*Et ego claritatem, quam dedisti mihi, dedi eis, ut sint unum sicut et nos unum sumus*".

O mesmo Apóstolo amado, que consigna estas palavras, viu em Patmos, sob forma de uma Jerusalém nova, a Igreja, tendo como fundamento doze pedras preciosas, "*Habentem claritatem Dei*". A Jerusalém, de que dizia o Salmista que tinha suas partes bem unidas entre si, era fundamentada em doze gemas, os doze Apóstolos. A glória de Deus que a envolvia — no grego do Evangelho como no do Apocalipse, a palavra doxa é mais propriamente glória — peço vênia para tomá-la em sentido místico como sendo o Papa, para dizer mais uma vez:

Gratias agimus tibi, propter magnam gloriam tuam!

Após esta sinopse das fulgurações gloriosas dos Pontífices Romanos, lembremos, em homenagem ao Papa reinante, a sequência dos que tiveram seu nome.

Pio I, décimo sucessor de Pedro, irmão de Hermes célebre pelo seu Pastor, foi o fixador da festa da Ressureição num domingo e expulsou da comunidade o Primogênito de Satanaz.

Passaram-se quatorze séculos, 208 Papas se sucederam, quando em

1548, o humanista Eneas Silvio Piccolomini, eleito Papa, lembrou-se de que em sua querida Eneida deparava frequentemente: "Pius Aeneas", e tomou o nome de Pio, mudando também de vida. Foi um viajante infatigável, diplomata, organizador de uma liga contra os maometanos, sendo colhido pela morte, quando, nos rochedos de Ancona, aguardava a frota para o combate pela Cruz.

Seu sobrinho, Pio III, teve um pontificado que desabrochou em flor, sem tempo de sazonar o fruto, pois faleceu 26 dias após a coroação, tendo apenas começado negociações com a França.

Pio IV encerrou o Concílio de Trento, compilou o Catecismo Romano e criou a Tipografia do Vaticano.

Pio V, dominicano, que armou contra os turcos os heróis de Lepanto, excomungou a Isabel de Inglaterra pela decapitação de Maria Stuart. Criou a Congregação do Index, reformou o Missal e o Breviário, enviou missionários às Índias.

Pio VI, envolvido nos exasperos da Revolução Francesa, cuja eclosão previra, foi o criador do Museu Vaticano e tomou medidas para santificação do clero.

Pio VII teve a coragem de arrostar as iras do Corso e assinar a Bula "Dominus ac Redemptor", restabelecendo a Companhia de Jesus.

Pio VIII foi o grande adversário das sociedades secretas num curto pontificado de 20 meses.

Pio IX, que teve a audácia santa de, no degradingolar das instituições, declarar o dogma da Infilibilidade, decretou o Syllabus, afirmou a Imaculada Conceição de Maria, sustentou luta contra Bismark e a Kultur-Kampf, assistindo ao desaparecimento dos Estados Pontifícios na brecha da Porta Pia.

Pio X, o Apóstolo da Eucaristia, para "Instaurare omnia in Christo", condenou o modernismo.

Pio XI, o alpinista, que se ofereceu em holocausto pela paz, como revelou seu sucessor, foi o grande batalhador e nos deixou este conceito, que me maravilhou: "Ser católico significa ter um pouco de alma para ser imortal, um pouco de coração para sentir, um pouco de vida para morrer, um pouco de sangue para derramar."

Contas irisadas de um colar maravilhoso!

Gratias agimus tibi!

No momento histórico, em que o Cardial Diácono pousou sôbre a

frontera de Pio XII o tríplice diadema de santo, apóstolo e doutor, novas refulgências aureolaram a Cátedra de Pedro.

Dizia-se — era um boato irritante porque tendencioso — dizia-se que havia entre Pio XI e seu Secretário de Estado, poderosas divergências. Sabe-se, entretanto, que o imortal Papa da Ação Católica disse em seu leito de morte: “Soubesse o mundo o que Pacelli significa para nós!” Não! Pio XI! Não foi só para vós! Para o mundo inteiro.

Depois de uma cruz saída de outra cruz — *Cruce de cruce*, a Providência acendera uma nova luz — *Lumen in coelo*, que se transformou em caridade abrasadora — *Ignis ardens*, preparando o mundo cristão para o despovoamento pela guerra — *Religio depopulata*, e ao varão incoercível na fé — *Fides intrépida*, sucedeu o *Pastor Angelicus*.

Não foram simples palavras o que disse o Presidente do Brasil pela Agência Nacional, quando aqui se soube da eleição de Pio XII:

“A eleição do Cardeal Pacelli foi felicíssima pelo seu profundo conhecimento da política do Vaticano, alta cultura e grande inteligência. Somado a essas excepcionais qualidades o fervor do asceta, estou certo de que será um grande Papa.”

Vejamos como a Providência o preparou para as altas funções de sucessor de S. Pedro.

Na Páscoa de 1899 rezava a Primeira Missa, na Capela Borghese, na Basílica de S. Maria Maior, diante da imagem atribuída a S. Lucas, que coroaria depois como Papa.

Apenas nomeado professor de Direito Canônico no Seminário Romano, foi daí tomado para colaborar com Gasparri no Codex Juris Canonici. A eficiência neste labor fez Bento XV sagrá-lo Arcebispo de Sardes para ser enviado a Munich, arrostando uma situação difícil, pois ia falar de paz em meio a capacetes de aço e botas militares num país beligerante. Era o ano de 1917.

Em 1920, vai a Berlim, primeiro representante diplomático junto à nova república alemã, como conciliador, ratificando o tratado entre a Santa Sé e a Prússia.

Em 1929, Cardial do título dos Santos João e Paulo e Secretário de Estado.

Em 1931, toma parte no conflito da Ação Católica com o Fascio.

Legado a Látere para o Congresso Eucarístico de Buenos Ayres, pisa em terras brasileiras, falando o nosso idioma:

“Esta língua, na qual quando imagina com pouca corrução crê que é latina”.

Foi um prazer intelectual para os que o ouvimos, lírico na precisão da forma, em profundidade de idéias, florido em imagens, todo eloquente na estatura esbelta animada pelo gesto largo como a querer unir tóda a terra e fazer descer sôbre ela o céu de Deus. Foi assim que, respondendo, na Câmara, a Raul Fernandes, a sua voz musical, em leve sotaque, começando lento, como hesitante e depois torrencial (a Henry Bourdeaux pareceu falar depressa demais em Notre Dame) conclamou-nos:

“Como seria ditosa a humanidade, se todos os Estados reconhecessem as bençãos, a luz, a fecundidade, a nobreza, a harmonia que a êles e a seus súditos derivariam se não houvesse diques artificiais a represar as ondas fertilizantes que a Civitas Dei, da Igreja, transborda sôbre a vida social dos povos!”

Em 1935 vai a Lisieux, onde declara: “O comunismo é intrinsecamente perverso e não pode em nenhum terreno admitir a colaboração com êle, da parte de quem quer que defenda a civilização cristã.”

Sua última viagem fóra da Itália, foi ao Estados Unidos, em 1936.

Em tôdas as missões se houve com ânimo positivo e místico, num equilíbrio de diplomata e apóstolo, emergindo de seu mundo interior com a visão da realidade sob a luz da Providência. Êste nexó psicológico, harmônico, jungindo a graça e a natureza, alcandorando as atividades políticas ao plano sobrenatural, êle conservou sôbre a Cadeira de S. Pedro, de onde, “no menor estado do mundo, maior reino espiritual”, dita regras capazes de libertar a humanidade das interpretações dialéticas ou naturalistas da história, continuando a gloriósa tarefa de seus predecessores..

Os pontos altos de seu Pontificado, vamos encontrá-los em suas Encíclicas.

Na primeira, “Summi Pontificatus”, expandiu conceitos sôbre as necessidades espirituais, sociais e políticas da hora presente. Se a ela juntarmos a Rádio-Mensagem de 1941, “La Solennità della Pentecoste” e o discurso de 1943 aos trabalhadores, sôbre a paz e a colaboração das classes, temos réplicas perfeitas das grandes Encíclicas “Rerum Novarum” e “Quadragesimo Anno”.

Em 1939, celebrando o aniversário da Constituição da Hierarquia nos Estados Unidos, enviou ao Cardeal Ó Connel uma Epístola Encíclica sôbre a família e a questão social, “Sertum Laetitiae”, que corresponde à “Arcanum Divinae Sapientiae” de Leão XIII.

Combatendo a desagregação social, que penetra os arraiais cristãos, em junho de 1943, escreve a "Mystici Corporis Christi", sem precedente nos anais da mística, como a "Casti Connubii" o foi, no assunto que versou.

Um mês e um dia depois, o mundo recebia "Divino Afflante Spiritu", que ultrapassou de longe a "Providentissimus Deus" de Leão XIII e a "Spiritus Paraclitus" de Bento XV, tratando as três do estudo da Bíblia.

Em 1947, a luminosíssima "Mediator Dei", numa precisão extrema de vocabulário e nitidez sem falha dos temas, tratado teológico místico e prático da liturgia, que leva as lampas a Pio X, Pio XI no que escreveram sobre o assunto, e até a Leão XIII na "Mirae Caritatis" sobre a Eucaristia.

A "Bis Saeculari Die" tão controvertida e até alterada em certas traduções, foi um eco à "Gloriosae Dominae" de Bento XIV.

Gregório XVI combateu os erros teológicos de seu tempo com a formidável "Mirari vos". Pio IX atacou, destemido, o naturalismo e o liberalismo na "Quanta Cura"; Pio X esmagou a hidra do modernismo incolor com a "Pascendi Dominici Gregis". Pio XII, em 1950, arremessa sobre os erros atuais a "Humani Generis", que realmente é um "novo Syllabus", como disse um de nossos pensadores católicos, pondo em guarda contra "as teorias fictícias da evolução", verberando o poligenismo e alertando contra a interpretação demasiado livre do Velho Testamento. Acusou outrossim o irenismo, tão simpático quão antagônico à verdade, na tentativa da "suspirada volta dos dissidentes e dos errantes ao seio da Igreja, com diminuição da verdade professada pela Igreja."

A "Ineffabilis Dei" de Pio IX sobre a Imaculada e a "Ad diem illum" de Pio X corresponde a "Munificentissimus Deus" proclamando a Assunção.

Pio XI promulgou solenemente o reinado de Cristo em "Quas primas" e instituiu a festa de Cristo Rei, coroando o ano litúrgico no final do Ano Santo de 1925. Pio XII, com "Ad coeli Reginam", preconizou a realeza de Maria, instituindo, no fim do ano mariano, a festa de "Santa Maria Virgem Rainha".

Nós, Religiosos, temos na "Menti Nostrae" um tratado de vida interior, que merece ser relido, pois traça não poucas normas para os problemas atuais. Apontarei um.

Lamentando a insuficiência de sacerdotes em face das sempre crescentes necessidades, exorta-nos a "todos os sacerdotes, tanto os do clero

diocesano quanto os que pertençam a Ordens ou Congregações religiosas, a fim de que, estreitados os vínculos da caridade fraterna, prossigamos em união de fôrças e de vantagens na meta comum, que é o bem da Igreja, a santificação própria e dos fiéis". E acrescenta: "Todos, também os religiosos que vivem no retiro e no silêncio, devem contribuir para a eficácia do apostolado sacerdotal, pela oração e pelo sacrifício".

Se ouvirmos êste apêlo do Santo Padre, será o mais belo presente que podemos oferecer-lhe nesta data magna.

As Religiosas encontrarão em algumas de suas alocuções o bastante para se guiarem no terreno instável das inovações requeridas pela atualidade. Tendo ouvido o que apresentou o Rvmo. Pe. Irineu, dd. Secretário da C.R.B. sôbre o que tem realizado o Santo Padre em relação às Religiosas, lembro apenas as Alocuções sôbre o "Apostolado da jovem na renovação da sociedade" e "La letizia" sôbre a educação da infância.

Como agradecer esta glória que desce de Deus sôbre nós na palavra do Papa?

E as mensagens radiofônicas de Natal? Verdadeiros Glorias in excelsis! Que sugestivos seus temas!

A de 1939, versando pontos fundamentais para a pacífica convivência dos povos. A de 40: Alegria na tormenta. A de 41: Bases da ordem nova. A de 42: A paz na vida social. A de 43: Natal na guerra. A de 44, já declinando a guerra: Democracia. A de 45: Missão da Igreja e pressuposto de paz durável.

A tôda esta maravilha da glória de Deus em Pio XII, acrescentemos as determinações sôbre o jejum eucarístico, a permissão das Missas Vespertinas de tamanha aceitação em nossos meios, a "Liturgia da Semana Santa restaurada", que hoje nos revestiu de vermelho para aclamar a realeza de Cristo Redentor, o que faz lembrar a visão do Cavaleiro misterioso do Apocalipse, o Fiel e Verdadeiro, olhos de fogo e muitos diademas, com o manto salpicado de sangue, cujo nome é verbo de Deus, e que ia seguido dos exércitos vestidos de finíssimo linho branco e limpo e é o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Entremos também nós nêste cortejo, agradecendo a Deus sua glória na unidade da Igreja sustentada pelo Santo Padre, com a esperança de chegarmos a ver a outra unidade, modelo desta, a unidade divina, gloriosa na Trindade de Pessoas, cantando agora e sempre.

Gratias agimus tibi propter magnam gloriam tuam!

CONCLUINDO O CURSO DE ESTATÍSTICA

Prof. Antonio Garcia de Miranda Netto (1)

Grande honra para a Escola Nacional de Ciências Estatísticas é ter iniciado mais um grupo de religiosos nos segredos de uma técnica indispensável à análise e compreensão dos fatos sociais. Já se foram os tempos em que a pura intuição bastava para resolver os problemas das comunidades. A integração humana, complicada com a evolução das artes em um mundo de especialistas, cria hoje um sistema que somente a análise estatística, separando, classificando, contando, medindo e até certo ponto prevendo, poderá tornar inteligível e claro.

Aprendestes, caríssimas concluintes, os caminhos de um método que vos permitirá ação mais fecunda em vossa vida de apostolado. Os diplomas que a Escola Nacional de Ciências Estatísticas vos confere, e que recebeis das mãos de nosso amado pastor, o eminentíssimo D. Jayme, Cardeal Câmara, são ao mesmo tempo lança e escudo. Arma, para vencerdes dúvidas, tão comuns a quem se dedica à ação social, e defeza, contra os desfalecimentos sem causa, e os entusiasmos sem objeto, ambos tão comuns quando se desconhece a realidade, ambos tão gravemente perigosos para a vida espiritual.

O conhecimento das coisas, com a margem de segurança assegurada pelo método estatístico, permite-nos visão suficiente da realidade, visão que nos protegerá contra a falsa esperança, que não é virtude teologal, e contra a falsa prudência, que não é dom do Paráclito.

(1) Discurso pronunciado pelo Prof. Miranda Netto, em nome da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, por ocasião da entrega de certificados às religiosas concluintes de 1956, em 25 de março.

No corpo Místico de Cristo, de que somos todos membros, poderá dizer-se que sois vanguarda. Na dupla modalidade de vossa participação, a ativa e a contemplativa, deveis conhecer a realidade do mundo. E aqui convém lembremos as palavras do Livro Santo, onde se diz que tôdas as cousas foram dispostas por Deus em número e medida. Nem o mais alto grau da união mística dispensa tal lembrança, pois vossa missão é santificar o mundo e não podereis santificar o que não conhecerdes.

A grande Teresa de Avila, flor de graça cavalheiresca, que sabia unir em admirável síntese a mais alta e pura contemplação, o espírito alerta e cintilante e a apreciação clara e objetiva das relações materiais, muitas vêzes, quebrada de cansaço, em suas peregrinações renovadoras, adiaava o sono para tomar nota minuciosa de tôdas as existências dos conventos, de tôdas as características de suas noviças e professoras, levantando com a habilidade de consumada estatística, as coordenadas materiais que lhe serviriam de base para a estupenda ação espiritual.

Professores, poderemos dar testemunho do empenho, da dedicação, do entusiasmo com que seguistes o curso. Nós, com fórmulas e diagramas, vos ensinamos as bases de uma técnica. Vós, com a simples presença nos ensinastes, Reverendíssimas Madres e Irmãs, algo de mais valioso e de mais puro, a existência de um ideal, que é o trabalho, pela glória de Deus. Ensinaste-nos que a vida religiosa não é rompimento com o mundo, antes, santificação de cada um dêsses pequeninos atos quotidianos, que deixamos passar, tão distraídos, sem vermos que em cada um dêles está o reflexo de Eternidade.

Estamos em festa, pois é sempre festa grande o coroamento de um êste mês decorridas, em que rendemos preito filial ao nosso venerado e santo Padre Pio XII, gloriosamente reinante.

Facará bem, pois, evocarmos uma palavra do nosso grande Papa, na encíclica "Humani Generis", guia o roteiro de estudantes cristãos: "Esforcem-se todos, com grande alento e emulação, pelo progresso das ciências que professam". Acusam a Igreja Católica de inimiga do conhecimento. A encíclica responde a essas acusações, mostrando-nos a estrada aberta para os que desejam conhecer os segredos da natureza ou as relações entre os homens.

Se bem seguirmos tal norma já não temeremos tanto aquela grande e terrível colação de grau, que é também a última operação estatística

a realizar-se neste mundo: O Juízo Final. Que aí possamos receber novamente, juntos em júbilo, o diploma da bem aventurança, que a bondade do Supremo Mestre se digne conceder-nos, “não pelos nossos méritos mas pela generosidade de sua misericórdia”, se me é dado repetir a formosa ação de graças do Doutor Angélico.

Demos graças a Deus e invoquemos Sua bondade. Que Ele nos permita, nesse dia tremendo em que os séculos se dissolverão em uma ceterilha, recordar os nossos estudos e repetir as palavras do salmista “*Deus docuisti me a juventude mea, et usque nunc annuntio mirabilia tua*” — “Senhor, tu me ensinaste desde a juventude, e desde então nada mais fiz do que anunciar as tuas maravilhas”. Este diploma nos ajuda. Porque a Estatística nada mais é que um outro instrumento, para cantarmos em cântico as maravilhas de Deus.



DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA

E' com grande satisfação que o Departamento de Estatística leva ao conhecimento de todos os religiosos, suas atividades, seus empreendimentos e sua volumosa correspondência que cresce cada dia à medida que se propagam e difundem os benefícios que poderão haurir as Casas Religiosas e suas obras, desde que estejam em dia as informações fornecidas ao nosso Departamento.

Em fins de dezembro até princípio de janeiro, fizemos um balanço nos nossos arquivos afim de se verificar o número de casas religiosas e paróquias que não haviam respondido aos nossos questionários enviados em 1954, por ocasião do 1.º Congresso dos Religiosos, em abril de 1955; e agora em janeiro e fevereiro de 1956. Enviamos nova correspondência e pedimos aos Superiores e Superiores que mais uma vez receberam nossos questionários, o favor de perdoar a nossa insistência ou repetição, podendo também a demora da resposta ser culpa, em parte, do correio, no extravio da correspondência. Dêste levantamento já estamos recebendo algumas respostas e com presteza, o que agradecemos imensamente, dado o auxílio que isto vem trazer na elaboração do fichário de obras e de localidades, indispensável ao bom andamento dos nossos trabalhos; baseados todos nas informações vindas diretamente das Casas e dos Provinciais.

Uma nota de especial destaque tem sido a numerosa correspondência sôbre o Anuário dos Religiosos de 1955, as expressões elogiosas e estimulantes que nos enviam, a colaboração na correção dos enganos referentes às Casas Religiosas, obras, localidades, número de religiosos, etc., sendo esta colaboração tão preciosa que o Departamento de Esta-

tística achar-se-ia impossibilitado de qualquer atualização sem êstes detalhes tão importantes que muitas vezes escapam à nossa vigilância na aplicação dos dados.

Queremos agradecer, ainda, às Congregações que nos enviaram a lista de suas Casas de Formação, a especificação de suas obras e o número de seus assistidos ou alunos, porque sem êstes dados seria muito difícil a distribuição dos auxílios enviados pelo povo americano, já que esta distribuição exige detalhadamente o tipo de atividade, obra ou apostolado e o número de pessoas beneficiadas. Como poderia o Departamento deduzir êstes pormenores se não os possuísse em seus arquivos? Por certo; ficaria prejudicada a casa ou paróquia que não possuísse o questionário no arquivo, sendo posta de parte na distribuição, uma vez que o D. E. a desconhece. Creio que será possível imaginar a preocupação do Departamento vendo-se impossibilitado de auxiliar os Religiosos quando sua finalidade, como também a da Conferência, é levar às Ordens e Congregações todo o benefício a que têm direito.

Agora, nestes dias, está o Departamento iniciando um trabalho de importância, enviando um questionário prometido na Revista da C. R. B. de dezembro, às Casas de Formação, afim de que seja verificada a procedência das vocações religiosas, seus centros de aglomeração, resultando conseqüentemente, um estudo interessante sôbre o assunto. Por certo uma pesquisa deste gênero nos trará surpresas e conhecimentos que jamais seriam apalpados se êstes assuntos não fossem trazidos às especulações do D. E., para, depois de trabalhados, voltarem às Casas Provinciais e Gerais que por sua vez tirarão suas conclusões a respeito. A devolução rápida, tanto quanto possível, dêste questionário nos facilitará o início imediato dos trabalhos, cujos resultados aparecerão na Exposição de Estatística religiosa do Congresso de S. Paulo e servirão de argumento para estudos mais detalhados no Curso de Mestras de Novícias anunciado para a mesma época. Graças a Deus o D. E. tem encontrado uma louvável correspondência da parte dos Religiosos e Religiosas, em matéria de fornecimento de dados. Alguns, tão prontos apenas tiveram conhecimento de um futuro levantamento de movimento de vocações, e já nos enviaram dados ou cartas pedindo o questionário.

Um outro pedido desejaríamos fazer a todos aqueles que por qualquer motivo recebem nossa correspondência: avisar imediatamente ao Departamento de Estatística a mudança de qualquer endereço, mesmo apenas da rua e número, abertura ou fechamento de casas para evitar a grande devolução por parte do correio e a despesa inútil de sêlos. Quando

se tratar de uma paróquia que é «casa não formada» ou de uma Casa Religiosa que não possua nenhuma obra, devolver o questionário respondendo a parte que diz respeito àquela paróquia ou casa, anexando, se quiser, uma nota sobre a impossibilidade de especificar os outros itens. Não adianta mandar-nos uma correspondência imprecisa, sem a devolução do questionário, porque precisamos possuir, para cada casa, em sua pasta respectiva, um exemplar ou exemplares dos questionários enviados. Quanto a esta parte queremos insistir mais uma vez embora já nos tornemos até importunos, sobre o termo bem preciso em relação ao tipo das obras. Imprecisos seriam os termos: colégio, educandário, ensino, asilo, abrigo ou outros mais já que no fichário de obras vem detalhadamente tudo que diz respeito à educação, casas de formação, Assistência Social ou à Saúde, com as divisões de Escolas Primárias, Ginásios, Cursos Clássico e Científico, Escolas Primárias Gratuitas, Orfanatos, Asilos para inválidos, Asilos para mendigos ou pobres, Dispensários, Patronatos, Ambulatórios gratuitos ou não, hospitais, leprosários ou então Seminário Maior: Filosofados e Teologados ou Seminários Menores, Escolas Apostólicas, Juvenatos, Pré-Seminários, Junioratos, Aspirantados, Escolasticados, Postulantados e Noviciados. De que nos adiantaria uma informação apenas: «educandário», se não sabemos se mantém Escola Primária de que tipo e pertencente a que entidade? Ou então «Seminário Maior» sem especificar se é filosofado ou teologado?

Quanto às paróquias geralmente recebemos uma nota do vigário declarando que é «casa não formada» e que em consequência, não vê razão para responder ao questionário que lhe foi dirigido. Sobre isto cumpre-nos esclarecer que, de qualquer maneira, seria bom responder aos itens que é possível responder e nos devolva o questionário explicando sempre o tipo da casa. Sem a resposta ao questionário, como poderemos tomar conhecimento das atividades desenvolvidas pelos religiosos, mesmo que sejam apenas vigários, embora fora da Casa Religiosa? E como saberemos qual a casa Religiosa a que pertence este vigário se o mesmo não responder? Por estes motivos queremos deixar bem clara a necessidade imprescindível de responder os questionários que enviamos, embora nos sejam devolvidos com a maioria dos itens em branco. De um modo ou de outro, agradecemos a colaboração indispensável e utilíssima.

DO SERVIÇO DE PROCURADORIA

RELAÇÃO DOS DEPUTADOS COM SEUS RESPECTIVOS ENDEREÇOS

(Continuação do número anterior)

Deputados	Residência	Telefone
PARANÁ		
ANTÔNIO BABY (PTB)	Hotel Serrador	32-4220
BENJAMIN de Andrade MOURÃO (PSD)	Rua Belfort Roxo, 174, aptº. 701
CID CAMPELO (PTB)	Rua Toneleros, 239, aptº. 201	26-9947
DIVONSIR Borba CÔRTEZ (PTB) ...	Rua Rep. do Perú, 193, aptº. 22	57-4091
HEITOR Pereira FILHO (PTB)	Rua Farme de Amoedo, 122 .	27-0887
HUGO CABRAL (UDN)	Rua Rodolfo Dantas, 26, aptº. 801
Josino Alves da ROCHA LOURES (PR)	Hotel Castro Alves	57-1800
Lauro Gentio PORTUGAL TAVARES (PR)	Rua Barão do Flamengo, 17, aptº. 32
Leszeck Bronislau OSTOJA ROGUSKI (UDN)	Rua Miguel Lemos, 46, aptº. 702
LUIZ Carlos Pereira TOURINHO (PSP)	Hotel O.K.	22-9951
Manoel de OLIVEIRA FRANCO Sobri- nho (PSD) (1)	Rua Domingos Ferreira, 232
MÁRIO GOMES da Silva (PSP)	Rua Itamonte, 85	25-3160
NEWTON Isaac da Silva CARNEIRO (UDN)	Rua Joaquim Nabuco, 167 5.º	27-4710
Pedro FIRMAN NETO (PSD)	Rua Belfort Roxo, 174 aptº. 402	37-0724
RAFAEL Ferreira REZENDE (PSD) (2)	Ambassador Hotel	32-8181
PERNAMBUCO		
ADELMAR Costa CARVALHO (UDN)
Alfredo de ARRUDA CÂMARA (PDC)
AMAURY Gomes PEDROSA (PSD) .	Rua Haddock Lobo, 266	34-6969
ANTONIO Alves PEREIRA (PSD) ...	Hotel O. K.	22-9951
Antônio de BARROS CARVALHO (PTB)	Hotel O. K.	22-9951
ARMANDO de Queiroz MONTEIRO Filho (PSD)	Rua Rumânia, 20	25-8153
.....	Rua Raul Pompéia, 228, aptº. 401	47-3752

(1) Licenciado por tempo indeterminado.

(2) Suplente, em exercício, do Deputado Oliveira Franco.

Edson MOURY FERNANDES (PSD)	Ambassador Hotel	32-8181
Estácio Gonçalves SOUTO MAIOR (PTB)	Rua Ângelo Agostini, 48
HERÁCLIO Moraes do RÊGO (PSD)	Rua Gustavo Sampaio, 460, apt ^o . 1002	57-4965
José de PONTES VIEIRA (PSD)	Av. N. S. Copacabana, 435	37-7029
JOSÉ do Rêgo MACIEL (PSD)	Hotel América	25-7250
JOSÉ LOPES de Siqueira Santos	Av. Pasteur, 154	26-5759
JOSUÉ Apolônio DE CASTRO (PTB)	Rua Min. Viveiros de Castro, 124, apt ^o . 901	57-5054
Luiz DIAS LINS (UDN)	Rua México, 168, sala 503	22-7183
Luiz de MAGALHÃES MELO (PSD)	Luxor Hotel	57-1940
Ney de ALBUQUERQUE MARANHÃO	Rua Vitorio da Costa, 82	46-1488
NILO de Souza COELHO (PSD)		
OSCAR Napoleão CARNEIRO da Silva (PSD)	Praça 24 de Outubro, 21 — Jardim do Ingá 2, Niterói	2-3255
OSVALDO Cavalcanti da Costa LIMA Filho (PSP)	Rua Ângelo Agostini, 17	22-4050
PAULO GERMANO de Magalhães (PSD)	Rua do Carmo, 6, s/306	42-2833
Pio GENÉSIO GUERRA (UDN)		
ULISSES LINS de Albuquerque (PSD)	Rua Carlos de Campos, 36	26-0402
	Rua Marquês de Abrantes, 115, apt ^o . 501	25-6388

PIAUI

Francisco das CHAGAS Caldas RODRIGUES (PTB)	Rua Alm. Gonçalves, 56 apt ^o . 602	37-9096
HUGO NAPOLEÃO do Rêgo (PSD)	Rua Mar. Bento Manoel, 18	26-2354
João de Moura SANTOS (PSD) (1)	Rua Nascimento Silva, 466	27-2105
JOSÉ CÂNDIDO Ferraz (UDN)	Rua Dias Ferreira, 425, apt ^o . 604	47-7934
José VITORINO CORREIA (PSD)	Av. N. S. Copacabana, 1277, apt ^o . 904	27-7763
MARCOS Santos PARENTE (UDN)	Rua Evaristo da Veiga, 6, 17. ^o and.	32-9660
SIGEFREDO PACHECO (PSD) (2)	Rua Pinheiro Machado, 80, apt ^o . 801
Tertuliano MILTON BRANDÃO (PSP)	Hotel O. K.	22-9951

RIO DE JANEIRO

AARÃO STEINBRUCH (PTB)	Rua Rodolfo Dantas, 87, apt ^o . 504	57-7032
Agenor BARCELOS FEIO (PSD)	Praia de Icaraí, 177, apt ^o . 802 — Niterói	4-195
ALBERTO Francisco TORRES (UDN)	Rua Tiradentes, 61 — Niterói	3-113
ARINO de Souza MATOS (PSD)	Rua Prof. Miguel Couto, 371, — Niterói	4-705

(1) Suplente, em exercício, do Deputado Sigefredo Pacheco.

(2) Licenciado até 30-6-55.

Deputados	Residência	Telefone
AUGUSTO DE GREGÓRIO (PTB) ...	Rua da Candelária, 9, 5.º s/506	23-1872
BARTHOLOMEU LISANDRO de Al- bernaz (UDN)	Rua Sá Ferreira, 38, aptº. 501	47-1738
CARLOS PINTO Filho (PSD)	Rua Enes de Souza, 23	28-0905
CELSO PEÇANHA (PTB)	Rua Itaguaí, 148 — Niterói	7-031
EDILBERTO Ribeiro DE CASTRO (UDN)	Av. Atlântica, 2038, 12.º	37-4015
Francisco SATURNINO BRAGA (PSD)	Rua Domingos Ferreira, 178, apt/. 201	37-6350
GETÚLIO Barbosa de Moura (PSD)	Rua Getúlio Vargas, 79 — Nova Iguaçu	45
JONAS BAHIENSE de Lira (PTB) ...	Rua Des. Lima Castro, 273 — Niterói
JOSÉ ALVES de Azevedo (PTB)	Rua Goitacazes, 152 — Niterói
José Eduardo de PRADO KELLY (UDN)	Rua Fonte da Saudade, 126 .	26-4342
JOSÉ PEDROSO Júnior (PSD)	Rua Paulo César de Andrade, 106, aptº. 304	25-9692
Natalício TENÓRIO CAVALCANTI de Albuquerque (UDN)	Rua Sá Ferreira, 188 aptº. 904	27-5954
RAIMUNDO Delmiriano PADILHA (UDN)	Rua Muniz Barreto, 64	46-3625
RIO BRANCO		
FÉLIX VALOIS de Araújo (PTN)	Rua Barão de Itapema, 156 .	57-8228
RIO GRANDE DO NORTE		
ALUÍSIO ALVES (UDN)	Av. Alexandre Ferreira, 410 .	26-1847
DIOCELCIO Dantas DUARTE (PSD) (1)	Rua Alm. Salgado, 15	25-5658
DJALMA Aranha MARINHO (UDN) .	Ambassador Hotel	32-8181
EIDER Freire VARELA (PSP) (2) ..	Rua Xaxier da Silveira, 46, aptº. 802	27-5684
Jerônimo DIX-HUIT ROSADO Maia (PSD) (3)	Rua Souza Lima, 65, aptº. 501	47-6224
João GALVÃO DE MEDEIROS (PSP) (4)	Rua Mar. Cantuária, 133, aptº. 301	26-1191
JOSÉ ARNAUD Gomes Neto (PSD) .	Av. Rio Branco, 52 s/2003, 20º	23-3316
JOSÉ NICODEMOS da Silveira Mar- tins (PSP) (5)	Rua Maestro Francisco Braga 366, aptº. 101
Raimundo XAVIER FERNANDES (PSP) (6)	Praia de Botafogo, 68 aptº 202	23-8814
THEODORICO BEZERRA (PSD)	Rua Silveira Martins, 164, 1001	45-3549

(1) Suplente, em exercício, do Deputado Dix-Huit Rosado.

(2) Licenciado até 27-7-55.

(3) Licenciado até 4-7-55.

(4) Licenciado até 15-8-55.

(5) Suplente, em exercício, do Deputado Elder Varela.

(6) Suplente, em exercício, do Deputado Galvão de Medeiros.

RIO GRANDE DO SUL

ADÍLIO Martins VIEIRA (PTB)	Hotel Regina, rua Ferreira Viana, 29	25-7280
Américo GODÓI ILHA (PSD)	Rua Paissandú, 200, aptº 1005	25-3544
CÉSAR PRIETO (PTB)	Av. Franklin Roosevelt, 39 ..	52-3987
CLÓVIS PESTANA (PSD)	Rua Domingos Ferreira, 188 aptº. 802	37-2472
CROACY Cavalheiro DE OLIVEIRA (PTB)	Rua Pompeu Loureiro, 13, aptº. 701	27-7590
DANIEL Agostinho FARACO (PSD) .	Av. Rodrigo Otávio, 145, aptº. 402	47-4650
DANIEL DIPP (PTB)	Hotel Paissandu, rua Paissandu, 23	25-7270
EDGARD Luiz SCHNEIDER (PL)	Rua Pompeu Loureiro, 126, aptº. 703
FERNANDO FERRARI (PTB)	Rua Gen. Urquiza, 12
HERMES Pereira DE SOUSA (PSD) .	Rua Paissandu, 200, aptº. 1002	25-6684
HUMBERTO GOBBI (PTB) (1)	Hotel Serrador	42-3220
JOÃO Batista FICO (PTB)	Rua Mário Portela, 40, aptº. 201
João LINO BRAUN (PTB)	Rua Anita Garibaldi, 10 aptº. 702
JOAQUIM DUVAL (PSD) (2)	Hotel Serrador	32-4220
José Antônio FLORES DA CUNHA (UDN)	Av. Churchill, 60	42-8004
José Pereira COELHO DE SOUZA (PL)	Av. Churchill, 60	42-8004
LEONEL de Moura BRIZOLA (PTB) (3)	Hotel Excelsior	57-1950
LUIZ Alexandre COMPAGNONI (PRP)	Rua Frei Solano, 18, aptº. 302	26-8999
NESTOR JOST (PSD)	Rua Paul Redfern, 43	47-4650
NESTOR PEREIRA (PRP)	Luxor Hotel	57-1940
RAUL PILLA (PL)	Av. Osvaldo Cruz, 103 aptº. 1002	45-8224
SILVIO Umberto Ulderico SANSON (PTB)		
TARSO de Moraes DUTRA (PSD) ...	Hotel Paissandu	25-7270
UNÍRIO Carrera MACHADO (PTB) .	Rua Paissandu, 200 aptº. 305	25-0321
VITOR Loureiro ISSLER (PTB)	Hotel Paissandu	25-7270
WILLY Carlos FROHLICH (PSD) (4)	Hotel Paissandu	25-7270
	Av. N. S. Copacabana, 1344, aptº. 203	47-1888
SANTA CATARINA		
ADERBAL Ramos da SILVA (PSD) (5)	Rua Constante Ramos, 105, aptº. 801	57-8869
Afonso WANDERLEY JÚNIOR (UDN)	Rua Xavier da Silveira, 29, aptº. 802	27-9073

(1) Suplente, em exercício, do Deputado Leonel Brizola.

(2) Licenciado até 25-6-55.

(3) Licenciado até 25-8-55.

(4) Suplente, em exercício, do Deputado Joaquim Duval.

(5) Licenciado até 13-8-55.

Deputados	Residência	Telefone
ANTONIO CARLOS Konder Reis (UDN)	Rua Otávio Corrêa, 289	26-6277
ATTILIO FONTANA (PSD)	Hotel Serrador	32-4220
ELIAS ADAIME (PTB)	Rua A, 23 — Boa Viagem — Niterói
HERCILIO DEEKE (UDN)	Hotel Miramar	27-0160
JOAQUIM Fiuza RAMOS (PSD)	Rua Constante Ramos, 105, aptº. 902	57-8869
JORGE LACERDA (UDN)	Rua Rep. do Perú, 101 aptº. 902	37-4875
LEOBERTO LEAL (PSD)	Av. Churchill, 109, s/201	57-9272
SERAFIM Enoss BERTASO (PSD) (*)	Hotel Castro Alves	57-1800
WALDEMAR RUPP (UDN)	Rua Transilvânia, 74 — Ilha do Governador
SÃO PAULO		
ABGUAR BASTOS Damasceno (PTB)	Rua General Roca, 891, aptº 701
ALBERTO ANDALÓ (PTN) (1)	Hotel O. K.
ALFREDO PALERMO (PDC) (2)	Hotel Rex	22-9951
André BROCA FILHO (PSP)	Copacabana Palace (Anexo)	32-4200
Antônio Carlos de SALLES FILHO (PR) (3)	Copacabana Palace (Anexo)	57-1820
Antônio de QUEIROZ FILHO (PDC) (4)	Hotel Serrador	32-4220
Arlindo José MAIA LELLO (PSP)	Hotel Olinda	57-1890
ARNALDO dos Santos CERDEIRA (PSP)	Copacabana Palace (Anexo)	57-1820
ARTHUR Boeris AUDRÁ (PTB)	Copacabana Palace (Anexo)	57-1820
BRASÍLIO MACHADO Neto (PSD)	Av. Atlântica, 1536, aptº. 201 Rua da Candelária, 9, 9.º	37-7895 43-4828
Cândida IVETE VARGAS Tatsch (PTB)	Av. Rainha Elizabeth, 230	27-2775
Carlos CASTILHO CABRAL (PTN) (5)	Rua Paissandu, 288	25-5921
CARMELO D'AGOSTINO (PSD)	Av. Rio Branco, 173, sala 801	52-8844
CORY Pôrto FERNANDES (PSD) (6)	Hotel Olinda	57-1890
DAGOBERTO SALES Filho (PSD)	Hotel Excelsior	57-9500
Domingos QUIRINO FERREIRA Neto (UDN)	Rua da Alfândega, 28
EMÍLIO CARLOS (PTN)	Av. Rui Barbosa, 460, aptº. 1601
FRANCISCO GIRALDES (PSB) (7)	Hotel Serrador	45-7725

(*) Suplente, em exercício, do Deputado Aderbal Silva.

(1) Suplente, em exercício, do Deputado Castilho Cabral.

(2) Suplente, em exercício, do Deputado Queiroz Filho.

(3) Suplente, em exercício, do Deputado Mário Eugênio.

(4) Licenciado até 14-8-55.

(5) Licenciado por tempo indeterminado.

(6) Licenciado até 27-6-55.

(7) Suplente, em exercício, do Deputado Cory Fernandes.

HAMILTON PRADO (PRP) (2)		32-4220
HERBERT Victor LEVY (UDN)	Rua da Quitanda, 71
HORÁCIO LAFER (PSD)	Av. Atlântica, 910, 9.º, 9.º and.	43-5960
João BAPTISTA RAMOS (PTB)	Av. Pres. Vargas, 502, 8.º and.	37-8360
João PACHECO e CHAVES (PSD) ...	Rua Paulo César de Andrade, 106, aptº. 1202, bloco B ...	43-3846
José Artur da FROTA MOREIRA (PTB)	Rua Farani, 57, aptº. 311 ...	45-1809
José de CARVALHO SOBRINHO (PSP)	Capacabana Palace (Anexo)	22-9990
José JOÃO ABDALLA (PSD)	Banco da Capital, Av. 13 de Maio	57-1820
José LOUREIRO JÚNIOR (PRP) (3)	Rua Samuel Morse, 12, aptº. 902	32-9514
JOSÉ MIRAGLIA (PSP)	Rua Francisco Serrador, 90, aptº. 1702
LAURO GOMES de Almeida (PTB) .	Av. Rainha Elizabeth, 114, aptº. 401
LAURO Monteiro da CRUZ (UDN) ..	Rua Senador Vergueiro, 40, aptº. 501	27-1286
LEONARDO BARBIERI (PSP)	Av. N. S. Copacabana, 1277, aptº. 607	25-9930
LEÔNIDAS CARDOSO (PTB)	Rua Cons. Lafayette, 60, aptº. 601	27-5619
LINCOLN FELICIANO da Silva (PSD)		
Luís CARLOS PUJOL (PTN)	Av. Atlântica, 1558, 3.º andar	47-2912
LUIZ FRANCISCO da Silva Carvalho (PTN)	Av. Atlântica, 3318, aptº. 303 Hotel Serrador	37-4040
MÁRIO EUGÊNIO (PSD) (4)	32-4220
MENOTTI DEL PICCHIA (PTB)	Av. Churchill, 60, aptº. 23
MIGUEL LEUZZI (PTN)	Rua Álvaro Alvim, 31, 5.º and.	42-8004
NELSON OMEGNA (PTB)	Av. N. S. Copacabana, 14, aptº. 602
Orozimbo Octávio ROXO LOUREIRO (PR)	Rua Pres. Carlos Campos, 286, aptº. 202	37-2381 25-9713
Paschoal RANIERI MAZZILLI (PSD)	Rua Raul Pompéia, 228, aptº. 402	27-1759
PLÁCIDO ROCHA (PSD)	Rex Hotel	32-4200
PLÍNIO Gomes de MELO (PSB) (5)
ROGÊ FERREIRA (PSB) (1)	Hotel Serrador	32-4220
Romeu de CAMPOS VERGAL (PSP)	Rua Valparaíso, 68	48-2895
Rubens FERREIRA MARTINS (PSP)	Hotel Glória	25-7272
Sylvestre FERRAZ EGREJA (UDN) ..	Ouro Verde Hotel	57-1880
Theotônio MONTEIRO DE BARROS Filho (PSP)	Hotel O.K.	22-9951
ULISSES Silveira GUIMARÃES (PSD)	Rua Antônio Vieira, 5, aptº. 301	37-2052
YUKISHIGUE TAMURA (PSD)	Rex Hotel	32-4200

(1) Suplente, em exercício, do Deputado Loureiro Júnior.

(2) Licenciado até 15-7-55.

(3) Licenciado até 7-6-55.

(4) Suplente em exercício, do Dep. Rogê Ferreira.

(5) Licenciado até 7-6-55.

SERGIPE

ARMANDO Leite ROLLEMBERG (PR)	Rua Toneleros, 301, aptº. 604
FRANCISCO Araújo MACEDO (PTB)	Hotel Novo Mundo, aptº. 514	25-7366
Francisco LEITE NETO (PSD)	Itajubá Hotel	22-9990
João SEIXAS DÓRIA (UDN)	Hotel Castro Alves	57-1800
JOSÉ Conde SOBRAL (PSD)	Rua Felipe de Oliveira, 43, aptº. 201
LUÍS ARCIA (UDN)	Rua Hilário de Gouveia, 103, aptº. 801	57-7830
WALTER do Prado FRANCO (UDN)	Av. N. S. de Copacabana, 769, aptº. 702



NOSSA CORRESPONDÊNCIA

De Uruguaiana — Rio Grande do Sul.

L

“Agradeço a amabilidade e as atenções de V. Revma. para com o Episcopado Brasileiro, expressadas na circular inclusa no primeiro número de 1956 da “Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil”.

Tive a grande satisfação, no tempo em que era cura da Catedral de Porto Alegre, de participar na organização da primeira semana de religiosas, como conviemos em chamá-la, no ano de 1953, a qual tão bons frutos produziu. Sei, de experiência pessoal, o quanto os religiosos são indispensáveis, tanto sacerdotes como os demais, na obra educacional e apostólica. O mundo moderno porém reclama trabalho cada vez mais eficiente e atualizado de todos nós. Eis a missão da Conferência e também de sua Revista, que de todo o coração abençoô, bem como a todos os seus colaboradores e diretores.

† Luiz Felipe de Nadal, Bispo Urug.

De Taubaté — São Paulo

Abençoando, venho penhorado, agradecer a remessa da preciosa Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil. Quero felicitar V. Revma. e toda a direção da Revista, que mostra um grande critério e vasto descortino nos belos assuntos de que trata a Revista.

Recordo-me às suas valiosas orações.

Servo em J. e M.

† Francisco, Bispo de Taubaté

De Maceió

“...A Arquidiocese de Maceió está com dívida de gratidão a V. Rvma. por ter vindo, com tanta dedicação, dar orientação segura e viva às 123 religiosas da Arquidiocese. O Sr. Arcebispo Dom Ranulpho já está informado dessa benemerência de V. Revma.. De minha parte faço votos a Deus de que a Conferência dos Religiosos vá levando a tôdas as dioceses do Brasil sua influência feliz e oportuna.

Envio uma cópia das contas da Semana das Religiosas, segundo foi combinado, 50% das despesas seriam feitas pela Conferência dos Religiosos e 50% pela Arquidiocese.

As resoluções da Semana estão sendo cumpridas. Os centros catequéticos começaram a funcionar. O curso de religião iniciou ontem, 3 de março, com a inscrição de 46 religiosas. Foram elaborados os programas das matérias para os 2 anos. Escolhi padres competentes. Que Deus tudo abençoe! Brevemente escrever-lhe-ei sôbre a Escola de Serviço Social.

† *Adelmo, Arc. Coadj.*

NOVAS FUNDAÇÕES

Petrópolis, Rio de Janeiro — Pedem uma Congregação Religiosa feminina para o Centro de Puericultura e Crèche São José do Itamarati, instituição fundada para dar assistência religiosa, moral e material às crianças, filhos de operários das fábricas da cidade. São 200 crianças que estão na crèche, jardim de infância e escola primária. São necessárias ao menos 3 Irmãs. Há clausura de 4 quartos e anexos reservados às Irmãs, com Capela própria. A Diretoria (Rua Quissamã, 1988) dará quaisquer informações e receberá a visita de qualquer membro de Congregação religiosa interessado no assunto.

Leopoldina (Diocese de), Minas Gerais — O Exmo. Sr. Bispo deseja uma Congregação de Religiosas para um hospital de hansenianos. O hospital (1200 leitos) está localizado na cidade de Tocantins. Pertence ao Estado de Minas Gerais, cujo Governo está disposto a firmar contrato com as Irmãs..

Fortaleza (Arquidiocese de, Ceará — O Exmo. Sr. Arcebispo está interessado na vinda de uma Congregação Religiosa masculina para ministério em paróquias ou em colégio. A cidade está crescendo muito, enquanto se nota a falta de Padres na Capital e no interior.

Machado, Minas Gerais — Está em construção a Vila Vicentina de Machado, para tomar conta da qual o Vigário pede Irmãs que se dediquem especialmente ao serviço social e ensino do catecismo. A casa para as Irmãs, de propriedade da Mitra, fica a uns 100 metros da Matriz local.

Cruzeiro, São Paulo — O Prefeito da cidade oferece um terreno em Cruzeiro à Congregação de Irmãs que lá quizerem abrir um colégio para educação de

meninas, pois o Ginásio do Estado e a Escola Normal não resolvem o problema.

Corumbá, Mato Grosso — Há, na diocese, 14 municípios sem Padres, para os quais o Bispo Diocesano pede a colaboração de alguma Ordem ou Congregação, à qual entregaria uma ou mais paróquias conforme o número de membros, e até várias paróquias da mesma região, que poderiam contar como um território missionário da Congregação.

Ubá, Minas Gerais — A Associação de Proteção aos Menores desamparados da Comarca de Ubá pretende conseguir uma Congregação religiosa de Irmãos especializados em cuidar de menores abandonados a fim de tomar conta do Patronato São José, em organização, na cidade de Ubá. A Associação possui já 62 hectares de terra na localidade denominada Redonda, distrito da Cidade; bastante capital vindo de ofertas e verbas concedidas pelo governo, com o que pretende dar início à construção do primeiro pavilhão brevemente. Necessita da Congregação o mais depressa possível, para que lhe seja entregue a direção da instituição.

Parati, Rio de Janeiro — Está vaga a paróquia, tendo necessidade de uma Congregação masculina, ou, ao menos, de um só Padre, que tome conta. A cidade fica perto de Guaratinguetá, com comunicação pela estrada de rodagem. Além dos Padres para essa Paróquia, o Bispo Diocesano desejaria que Padres de alguma Congregação Religiosa se estabeleçam na sede da Diocese, em Valença, onde, no começo, poderiam cuidar de alguma Capelania, para mais tarde fundarem uma Casa própria.

CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

Trinta anos de vida da "Society of Catholic Medical Missionaries" — A bene mérita "Society of Catholic Medical Missionaries", com Casa Mãe na cidade de Philadelphia (USA), celebrou no ano passado o 30.º aniversário de sua fundação. A Sociedade constitui uma comunidade religiosa feminina, fundada para criar nos países de missão hospitais dirigidos pelas Irmãs habilitadas nas profissões sanitárias, como médico, cirurgião, obstétrica, farmacêutica, enfermeira, etc. Quando a Sociedade foi fundada, um dos problemas mais graves que apresentavam os países de missão, e talvez o menos cuidado pelos católicos, era o da saúde e assistência aos doentes. Agora, neste campo, muito foi feito; mas muito mais resta ainda a fazer.

Pela novidade de seu gênero e pelas dificuldades que justamente se pensava deviam ser enfrentadas, a Sociedade foi tida como "uma experiência sagrada". Hoje, depois de trinta anos de existência, ela demonstrou sua perfeita vitalidade e eficiência. O primeiro hospital foi construído em Rawalpindi (Paquistão) em 1927; agora conta casas na Índia, Indonésia, Célebes, Java, na África e até na Venezuela, com hospital em Macaraibo. Tem Noviciados na Holanda e Inglaterra, além dos Estados Unidos. Em 1936 a Sagrada Congregação de Propagação da Fé aprovou a Instituição e admitiu as Irmãs aos votos públicos, integrando assim a Sociedade na grande milícia da Igreja.

Sacerdotes espanhóis para a América Latina — De sete a oito mil é o número de Sacerdotes que próximamente virão para a América Latina, para suprir à

NOSSA CORRESPONDÊNCIA

falta do clero dêste continente. A Comissão Episcopal que dirige a Obra de Colaboração Sacerdotal Hispano-Americana ocupar-se-á de por em prática o projeto de erigir quatro Seminários Menores para receberem as vocações sacerdotais e ampliar o Seminário Maior para os Estudantes de Teologia, que já existe em Madrid, e que atualmente pode receber 50 seminaristas. 13 Padres da diocese de Salamanca breve embarcarão para o Paraguai, seguidos logo depois por um grupo mais numeroso da diocese de Bilbao. Recentemente foi realizada em Madrid uma reunião para tratar dêsse problema.

Revma. Madre Florência Profilio — A 22 de fevereiro p.p faleceu em Roma a Revma. Madre Florência Profilio, Fundadora e Superiora Geral das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição de Lipari. O Instituto conta já com uma casa no Brasil, na cidade de Jataí, Goiás.

Pontifício Colégio Pio Brasileiro — Professores e alunos do P.C.P.B., com seu Reitor Pe. Paulo de Tarso Nacca, S.J, prestaram filial homenagem ao Santo Padre Pio XII, por ocasião da ordenação sacerdotal de 25 de seus alunos, o que pela primeira vez acontece naquele Colégio. Recebidos numa das salas do Apartamento Pontifício, manifestaram ao Papa seu entusiasmo e sincera devoção, ao que Êle dignou-se responder com um discurso, rico de santas exortações, no qual indicou aos futuros apóstolos as vias a seguir, a da ciência e da virtude, conforme as exortações que há 400 anos Santo Inácio dava aos Padres Nóbrega, Anchieta, Inácio de Azevedo, futuros Apóstolos do Brasil.

Secção Estadual da Paraíba

É mais uma Secção da C.R.B. que funciona, viva, atuante.

Foi instalada a 11 de março, em João Pessoa, com a presença do Exmo. Sr. Bispo D. Manuel Pereira da Costa. Na sessão de instalação, em que estavam presentes tôdas as Superiores Religiosas da cidade e muitas do interior do Estado, foi homenageado solenemente o Santo Padre o Papa Pio XII e tomaram posse a Diretoria Geral e as Diretorias dos vários Departamentos e Serviços criados. A palavra do Exmo. Sr. Bispo, que se mostrou muito satisfeito neste primeiro encontro, veio trazer aos religiosos presentes a maior satisfação e muito entusiasmo.

Além da Diretoria da Secção Estadual, já começaram a funcionar o Departamento de Catecismo e o Departamento de Serviço e Assistência Social. Pela Diretoria da Secção já foram estabelecidas reuniões mensais para tôdas as Religiosas, nas quais serão tratados assuntos sôbre Educação e Serviço Social. Foi também traçado o plano de um Curso de Formação Catequética para Religiosas, a cargo de Eminentes Sacerdotes e Irmãs da cidade, que funcionará todos os sábados, com aulas de Doutrina Católica, História da Igreja, Pedagogia do catecismo, Psicologia e Noções de Serviço Social. O Departamento de Serviço e Assistência Social, que fôra fundado anteriormente, apresentou relatório completo de suas atividades. Digna de nota a colaboração prestada por êste Departamento na realização da Semana de Estudos que precedeu a instalação da Secção Estadual e Departamentos de Catecismo e Serviço Social das Religiosas de Maceió (Alagoas).

Uma família verdadeiramente "Religiosa"

É o lar Luiz Cequim e Da. Romana Camilotto Cequim. Dos 15 filhos que os ditos pais aceitaram com alegria, como jóias de Deus, já entregaram para sempre a Jesus, na vida religiosa, 9 dêles, e estão cooperando com a graça divina para Lhe consagrarem mais 4 dentro de poucos anos. O filho mais velho é Vigário da Paróquia de Caçapava — RGS; 4 pertencem à Congregação dos Irmãos Maristas; 2 filhas são Irmãs Franciscanas da Caridade e Penitência, 1 da Congregação do Imaculado Coração de Maria, 1 da Congregação de Nossa Senhora. Os dois filhos menores estão cursando o Seminário Menor, em Santa Maria, e das duas últimas filhas uma é Postulante das Irmãs Franciscanas da Caridade e Penitência e outra Aspirante das Irmãs de Nossa Senhora.

A 5 de fevereiro p.p., por ocasião de seu 35.º aniversário de casamento, êstes venturosos pais tiveram a satisfação de verem reunidos em torno de si, pela primeira vez, todos os seus 15 filhos. É que tendo seguido cada qual pelo caminho apontado por Nosso Senhor, jamais se proporcionou a ocasião de se encontrarem todos juntos, nem mesmo no período de férias escolares. As alegrias que inundaram os irmãos e as irmãs após longos anos de ausência, diversos dos quais nunca mais se tinham visto desde que entraram para a vida religiosa — são sentimentos que as palavras humanas não sabem exprimir.

O próprio Sr. Bispo D. Antônio Reis fez questão de celebrar a S. Missa em ação de graças, e, à tarde, no Santuário de N. S. Medianeira, a família se consagrou novamente à Mãe do Céu, para Lhe agradacer a vocação e aquêle encontro feliz.

Que Deus suscite outras famílias destas, para que outros pais e outros filhos possam experimentar as alegrias celestes e as comoções profundas de horas tão santas e tão raras como as que viveu a família Cequim, no dia 5 de fevereiro.

COMUNICAÇÃO

A C.R.B. tem, à disposição dos interessados as folhas e opúsculos para as relações anuais e quinquenais, que as Congregações Religiosas devem mandar à Sagrada Congregação, em Roma.

BIBLIOGRAFIA

"Directoire des Prêtres chargés de Religieuses". Paris, 1954. Les éditions du Cerf. Collection "Problèmes de la religieuse d'aujourd'hui".

De 9 a 12 de setembro de 1953 realizou-se em Versalhes, na França, o primeiro Congresso Nacional dos Padres encarregados da direção de religiosas. Êste *"Directoire des Prêtres chargés de Religieuses"* contém as relações apresentadas no Congresso, pelos autores mais célebres da França. Creio ser supérfluo indicar a grande

utilidade dêstes trabalhos em equipe que se fazem com tão feliz resultado nos diversos setores, especialmente nêstes últimos tempos. Basta pensar um instante no bem imenso feito pela Conferência dos Religiosos do Brasil, durante êstes três anos de sua existência. E eis que agora, na França, reuniram-se 175 padres que se ocupam

dos cargos de diretores, confessores, capelães, diretores diocesanos, tanto seculares como regulares, todos êles encarregados de religiosas. Êste diretório tornou-se como um tratado, um manual encerrando tudo o que um padre que dirige almas religiosas deve saber.

No começo o problema é colocado no seu devido lugar, em seu quadro, por um trabalho magistral de S. Excia. Mons. Garrone: Papel das religiosas na conjuntura atual da Igreja de Roma. Em seguida os princípios teológicos canônicos e psicológicos que dominam tôda a vida religiosa, são alí tratados com rara clareza por especialistas nos diferentes ramos.

Esta é a primeira parte. Segue-se a segunda, a parte prática: seis conferências sôbre o papel do capelão — o confessor ordinário e extraordinário — o pregador — o visitador canônico — o assistente religioso — o superior eclesiástico e o diretor diocesano das religiosas. Todos aquêles que têm um pouco de experiência na direção das religiosas, sabem como o problema, às vêzes, apresenta-se bastante delicado. Quantas vêzes não acontece que religiosas querem ter como diretor um religioso, se possível, de sua Ordem ou Congregação, o que seria o ideal! Quantas vêzes também não acontece que os padres seculares se queixam de lhes ser tão difícil seguir e compreender a vida religiosa...

Ora, nestas páginas são tratados

todos êstes problemas com ciência segura e experiência profunda. Serve como um *Vade Mecum* para resolver as dificuldades que frequentemente encontram êsses padres, que ao mesmo tempo estão sobrecarregados por outros trabalhos apostólicos.

A terceira parte: a atualidade. Conforme as diretivas da Santa Sé, desde Leão XIII até nossos dias, e sobretudo conforme as últimas orientações de nosso Santo Padre Pio XII, estuda, de acôrdo com os últimos decretos, a situação canônica e os principais fatores do movimento atual da vida religiosa. Com profundo conhecimento são analisadas as aspirações da juventude contemporânea, a exigência da verdade, sua aspiração a viver o Evangelho, sua sensibilidade à miséria, sua predileção pelo que é real, e como, tanto nas Ordens antigas como nas Congregações modernas, a vida religiosa pode adaptar-se e deve conciliar o que é imutável com aquilo que sofre mudanças inevitáveis. "*Vox temporis, vox Dei*".

Raramente vai se encontrar um tratado mais completo, mais profundo, mais em dia, sôbre um assunto bastante difícil: a parte do padre na direção das religiosas.

Não se poderia imaginar o bem que um tal congresso faria em nosso país. O Departamento de Catecismo da C.R.B. tem à venda êste precioso volume.

G. L. O., *Praem.*

SANTOS FUNDADORES CELEBRADOS EM MAIO

13 — *Santo André Uberto Fournet* (1752-1834), fundador da Filhas da Cruz.

Com perigo da vida exerceu seu ministério apostólico durante a revolução francesa. Teve que fugir para a Espanha e, na volta,

dedicou-se ao seu ideal de vida apostólica fundando, com Sta. Joana Elisabet Bichier, o Instituto das Filhas da Cruz, à cuja formação dedicou seus últimos anos de vida.

- 14 — *Santa Maria Domingas Mazzarello* (1837-1881), Co-fundadora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Fazia parte, em sua paróquia, da Pia União das Filhas de Maria, que quotidianamente reunia em sua casa para o estudo do catecismo e trabalhos de costura. Nesse grupo de moças piedosas São João Bosco viu a realização de seu sonho, de fundar um instituto feminino colateral aos Salesianos. As primeiras 10 jovens receberam o hábito religioso em 1872. Santa Maria D. Mazzarello foi eleita superiora e deu impulso vigoroso à difusão do Instituto.

- 15 — *São João Batista de La Salle* (1651-1719), Ver biografia pág. desta Revista.

- 25 — *Santa Madalena Sofia Barat* (1779-1865), fundadora da Sociedade do Sagrado Coração de Jesus.

Em sua mocidade quis abraçar o Carmelo, mas pelo seu diretor espiritual foi induzida a se dedicar à educação da juventude feminina; assim em 1800, com mais duas jovens, se consagrava a Deus, lançando a semente da nova Sociedade. Teve de enfrentar as maiores dificuldades, superadas as quais, assistiu à maior difusão da novel instituição.

- 26 — *São Felipe Neri* (1515-1595), fundador da Congregação dos Padres do Oratório.

Desde a infância revelou sua índole doce e alegre, que constituiu a principal característica de sua vida e de sua santidade. Assim atraiu a si os jovens, para levá-los a Deus. Manifestou-se um dos maiores diretores espirituais de seu tempo, relacionando-se com Papas, pessoas nobres e pessoas humildes e os maiores santos da época.

- 31 — *Santa Ângela Merici* (1474-1540), fundadora da Companhia de Santa Úrsula

Terceira franciscana desde a mocidade, visitou em peregrinação os maiores santuários da Europa e de Terra Santa. Fundou a Companhia de Santa Úrsula, uma instituição de virgens no século, que não ligadas pelo vínculo de horários e programas, se tornassem úteis aos pequenos e especialmente às jovens e órfãs abandonadas.